MANOEL AMBROSIO

(BRAZIL DO VALLE)





# HERCILIA

IMP. OFFICIAL - MINAS - PHOTOGRAVURA

**BRASIL DO VALLE**
MANOEL AMBROSIO
(Do Instituto Historico e Geographico de Minas)

# HERCILIA

## ROMANCE HISTORICO

Januaria — Minas Geraes — 1905

BELLO HORIZONTE
IMPRENSA OFFICIAL
1923

G. 1284

*Sagrada memoria*

Meu Pae João Alves de Oliveira

Dr. Carlos José Versiani

Minha irmã Maria Rosa Alves de Oliveira

Minha esposa Josephina Ambrosina Durães Ferreira

A' minha querida Mãe

Exma. Sra. D. Serafina Alves de Oliveira

---

A' minha terna esposa

D. Antonia Redrigues de Souza Oliveira

---

A meus filhos, meus manos, meus amigos e á minha patria.

*A philosophia do povo não raciocina: sente. A sua dialectica é um instincto ; a sua logica, uma impressão ; a sua conclusão, uma lagrima.*

LAMARTINE

# Hercilia

## I

Em mil oitocentos o noventa e tres.

Estamos no valle do rio dos Pandeiros, valle ameno e rico, vizinho ao S. Francisco.

D'aqui á confluencia do tributario distam quasi duas horas de viagem, e chama-se Bôa Vista a fazenda que visitamos.

Seu nome è secular; varios têm sido os seus condominos: por herança uns, outros pela compra de terrenos parciaes.

Contam-se maravilhas do seu passado, do qual já não existem vestigios sobre a riqueza dos primeiros proprietarios.

Todavia, não está de todo abandonada.

Jaz retalhada em pequeninas e acanhadas herdades, que, se não prosperam, dão tal ou qual idéa do trabalho e dos frutos.

Magnifica para cultura e criação, é incontestavel sua superioridade sobre os demais sitios vizinhos, pela extensão de suas mattas fertilissimas, suas caatingas, capões, furadas, varzeas, campos, prados, lagôas, campinas, veredas e a notavel belleza dos gados de seus pastios.

Aguas frescas e sadias banham-lhes as terras e derivam-se de veredões que vêm de longe, sustentados por lacrimaes que perennemente escôam dos dorsos dos montes.

Arredondadas collinas, cobertas de deslumbrante verdura, apparecem e somem-se, como por encanto,

sob a copa de borytizaes longinquos em grande parte do valle.

Junto ás fraldas dos outeiros, amparados de alguma nesga de matto, lavradores-aggregados têm levantadas suas cabanas.

Cobre a verêda proxima majestoso pindahybal; e lá, onde começa a floresta, alta e escura, perto do campo, lindos palmeiraes mostram seus leques acima das mais altas arvores.

Ventos leves e suaves rumorejam em retiros tranquillos e inhabitados.

A brisa da tarde, passando em perfumados agrestes, vae deixando nas flores e tapete das campinas um balsamo delicioso, que dulcifica a atmosphera.

Emfim, nas soberbas perspectivas d'este pequeno paraiso, a luz fecunda do céo matiza os matagaes, florestas e chapadas, sob cujas sombras descansam as aves e alimarias.

Mas, no meio de tantos esplendores, através das sombras d'essas velhas quixabeiras, por que apparece aqui esta tapéra solitaria e abandonada?

Que ruinas mysteriosas são estas, que nos attraem nas scenas da solidão?

Sem coberta, tendo apenas negras e derruidas vigas, cheias de musgo, jarrinhas e heras, a mão destruidora do tempo branqueia esses esteios, atolados em montões de formigueiros.

Laranjeiras, limoeiros, cidreiras, limeiras, coitezal, tudo coberto de enxertos e trepadeiras, estragando estas pobres plantas.

Coitadas! Já não produzem frutos sinão mangrados.

Nem uma bemfazeja mão para suavizar-lhes tanta angustia e sequidão!

Um matto agreste nasceu, onde fôra outr'ora o quintal, o curral e a manga.

Como bravias crescem as arvores de São João!

A sambahyba farfalha entre escombros, e o cardo santo desabrocha amarellas flores em meio das urzes.



A fonte, que sem duvida correra outr'ora limpa, recebendo o rego do quintal, está convertida agora em brejo feio, tecido de espinhos e cannas bravas, onde só se ouve o zumbido de grillos e o compassado silvo dos cascaveis.

Ninho maldicto da floresta, desprezado pela ave, como é triste esta tapéra, onde ninguem ousa pernoitar!

O viandante teme esse aspecto de desgraça.

A superstição cerca-a d'essas apparencias frivolas emanadas das crenças populares: não raro aparvalhados pavores sobresaltam os camponios d'estas regiões, quando, com os cabellos arrepiados, nos referem um d'esses episodios reaes, que nos confrangem o coração, e, testemunhas oculares, murmuram-nos commovidos esta singella e despretensiosa historia.

## II

Os annos de 1845 e 46 foram funestos ao Ceará.

Desastrada secca devastára todo o territorio d'aquella provincia, de modo horroroso.

Por toda a parte a população gemia dolorosamente sem recurso de salvamento. Cidades, villas e povoados inteiros, completamente destituidos de gente, desertos e em ruinas sob o terrivel flagello da fome e da peste.

Causava lastima o progresso aterrador do contagio, que, desdobrando suas longas azas sobre tudo o que era animado, alastrára a terra de ossadas humanas, insepultas, de envolta com as dos irracionaes.

Seccos os rios e ribeiros; no leito das mais abundantes fontes, onde paúes inaccessiveis pareciam inestancaveis, levantava-se o pó negro, calcinado, da terra gretada.

O sol abrasára todos os cereaes, apagando-lhes até os vestigios.

Os pastios torraram-se. O solo estava tão arido que a mesma relva se desfizera em poeira.

Campos, campinas, serras, vargedos, prados, florestas e valles, calvos, desnudos de qualquer folhagem, trajavam cor negra, como se varridos por incendio immenso.

O proprio vento, calido e espesso como um fumo, não acharia um galho verde onde sussurrar.

Poderia, quando muito, sacudir, chocalhando, essa longa mortalha.

As estradas pejavam-se de emigrantas peregrinos, que falleciam inanidos de miseria, comendo a carne podre dos animaes, mortos tambem de fome e peste, ou a dos cadaveres de parentes, paes, mãis, filhos, amigos e companheiros antes fallecidos.

Quantos rasgos de heroismo, quantas dedicações virtuosas, quanto exemplo de amor e abnegação no martyrologio da infelicidade !

Ah! cruzada dolorosa em que familias inteiras presenciaram horrores, forçadas a scenas que teriam movido a compaixão do mundo !

O roubo, a traição, o assassinio, a anthropophagia, actos de desespero, crueldade e selvajaria tambem se degladiaram n'essa tremenda arena da desolação.

O suicidio por sua vez seguira devastador.

Ah! contam-se cousas tão tristes... oh! quasi impossiveis!...

Dir-se-hia um juizo final para a pobre humanidade da terra cearense.

O extremo da penuria gerára o embrutecimento e a loucura.

Tal a fome, e tanta, que se roiam os ossos humanos.

Falhando taes recursos, quando outros não lembrados, varias, sem conta as victimas que cahiram comendo batatas, frutas e raizes sylvestres, cujos succos venenosos serviam apenas para apressar-lhes a morte.

Extrema agonia !

Os caminhos do sertão pejavam-se de brancos esqueletos,



Eram os dos que, sem recursos, procurando tardiamente abrigo em terra estranha, haviam deixado a patria para sempre.

A morte dava em terra até com as criancinhas de peito, que, nada mais tendo a sugar de suas cadavericas mães, falleciam de fome, sêde, pranto e desamparo.

A taça se extravasára.

Viera a caridade do governo, porém, como sempre, por más horas, aproveitandos-a poucos, e acudindo aos que menos careciam.

Muitos volveram esperançosos, de muito longe, e morreram mais depressa sob seus passos.

Outros, já salvos do perigo, cercados de todo o conforto, sentiam fugir-lhes a existencia ao primeiro bocado de pão.

As cidades das provincias vizinhas regorgitavam de peregrinos, que, chorosos e na miseria, confessavam cheios de ternura que seu paiz era um tumulo.

Lá, nem uma sombra para abrigo; e do céo inclemente nem uma gotta de orvalho.

A imagem da soledade, trajada de lucto, banhada de lagrimas e ferida de angustias, se debruçára desgrenhada sobre as ruinas do Ceará.

Raros os que, verdadeiras aves de arribação, alcançaram, uns para o norte, outros para o sul, por todas as direcções, a muito custo, salvar a vida.

Fóra da crise exterminadora, n'estas circumstancias a Minas Geraes chegára, no fim d'aquelle ultimo anno, o Senhor Capitão Henrique de Oliveira Leal, antigo dono d'esta tapera.

## III

Em Minas encontrára este homem alguns parentes soffrivelmente abastados, e, como elle, tambem emigrados em outros tempos.

A conselho dos seus afazendara n'este logar, cerca isto de quasi cincoenta annos, comprando

uma parte de terras a um dos seus muitos possuidores.

Perseverante, e a custo de muito trabalho, em breve transformára esta propriedade em verdadeiro Eden.

O terreno occupado em commum chegava, e de sobra, a seus fins.

Com effeito, decorridos alguns annos, a prosperidade sorria-lhe encantadora, alliada aos aureos tempos de então.

Brisas fagueiras, rumorejando por laranjaes, brancos de flores e pesados de fructos, entoavam harmonias nos cannaviaes dos brejos.

A fonte clara e descortinada da vereda reflectia no fundo a verdura bella dos plantios, e uma ondulação suave das aguas mostrava a brancura das nuvens, rolando pelo azul purissimo do céo.

Não criava urzes, nem ortigas o vasto e enfezamatagal de hoje; outr'ora em seu logar um mandiocal verde-escuro sumia a perder de vista.

Vinte a trinta enxadas limpavam o chão agreste ao devaneio de ternissimas cantilenas, do romper da aurora ao entrar do sol.

A' tarde, na varzea vizinha que ainda vae dar á vereda, pastava um gado nedio, possante e curraleiro, que, procurando a ração, caminhava para a porta, dando ternos e compassados mugidos.

O fazendeiro era casado, e pequena a sua familia, constando, na occasião em que aqui chegára, da esposa e mais duas filhas.

Estas ruinas, que ainda hoje resistem ao tempo, são de uma casa terrea, de taipa, que elle mandára construir.

Era commoda e asseiada, coberta de telhas, com outros compartimentos destinados a diversos misteres da vida agricola: quartos para cereaes, depositos de couros, cangas, arreios, ferramentas, etc.

Mais apartado, a distancia conveniente, os pequeno engenho de pau para moer canna, uma officina de farinha, o estandarte do fabrico de assucar e rapadura do consumo.



Um rego refrescava um laranjal novo, o cafezal, cidreiras zambôas, limoeiros, jaqueiras, jambeiros, quarteis de ananaz, goiabeiras e outras frutiferas arvores.

Grande numero de aves, marrecos, gallinhas, patos, perús, ariry s, pombos, cocaes e outros innocentes seres brincavam em aprazivel bulha dentro d'agua.

Via-se tambem um pequeno jardim e, á beira do rego, uma hortaliça invejavel.

Alem, até onde a vista alcançasse, para o poente, uma extensa manga de capim mellado, bengo e vermelho accommodava o gado a definhar durante a ferra ou, nas grandes vaquejadas, retouçando a bezerrada e poldrilhos.

Finalmente todo esse aspecto de abundancia era um attestado do quanto póde e vale o trabalho.

Era de genio infatigavel o Sr. Leal, com seus 45 a 48 annos de então.

Forte, agil, de estatura mediana, claro e cheio de corpo, sua physionomia tinha um *que* de desagradavel, tendo a cabeça precocemente bem grisalha, assim como comprida e espessa a grande barba, encobrindo-lhe a curteza do pescoço.

Entre pequeninos, faiscantes e vigorosos olhos, duas profundas rugas vincavam uma estreita fronte — campo largo das crudelissimas tormentas do espirito.

Dizia-se descendente de linhagem nobre; por isso mesmo pouco expansivo, reservado, certa ostentação vaidosa em relações de amizade e no trato em geral.

O povo destas regiões respeitava-o com acatamento.

Vivia assim menos mal—nababo desta Bôa Vista.

Sua esposa—D. Lucinda de Nogueira e Castro Leal, ainda vigorosa, soffrivel matrona de seus trinta e varios janeiros, meio sympathica, porém, magra, nervosa, irascivel, meio anjo de bondade, quasi secca, sem ternura.

A seu lado, continuamente lidando, duas bellas moçoilas—Amelia e Andrelina—completavam o quadro da familia.

E a existencia assim corria, abrigada ao mais lisongeiro clima, embora suspirosos recordassem sempre da terra natalicia essas forasteiras almas cortadas da saudade no exilio.

A suavidade do passadio, porém, e as commodidades da fortuna distrahiam-nas um pouco desses pesares, especialmente aos dois esposos, dando-lhes a natureza outros cuidados que bastante lhes interessavam.

Innocente qual as auras, linda como as rosas da chapada e o lirio da campina, mais um anjo baixára dos céos a este mundo.

Leal contava mais uma filha; e a alegria de tamanha ventura amortecia-lhe a lembrança acerba da patria.

Festejou o nascimento da filhinha com verdadeiro contentamento, e o anjo, sorrindo mysteriosamente, estremecia ao sopro doce da brisa, que, como uma sombra do passado, ou afinada nota de corda que se partiu, jamais lhe esqueceu o nome.

Ainda hoje, quando ella passa e suspira pela alcatifa do valle, ou enreda-se no verde topo das collinas, ouve-se-lhe murmurar o doce nome de Hercilia.

## IV

Quasi nos terreiros da casa, a meia eminencia do campo circumdado de matto, via-se erguido modesto rancho, coberto de folhas de palmeira, moradia de Leandro, antigo vaqueiro do abastado capitão.

Havia muitos annos que o acompanhava, ajudando-o em seus labores.

Da prosperidade de que gosava o fazendeiro, a maior parte devia-a aos esforços deste bom e diligente homem, desde que para aqui viera.

Em tudo via-se a mão robusta do invejavel trabalhador: a chacara, a manga, o rego, os roçados, a



criação, a mesma casa, todos esses demorados capitaes emfim, confiados á natureza, recordavam o zêlo, o gosto e a intelligencia de Leandro.

Ornado de preciosas qualidades, honrado a toda a prova, seu patrão tinha-o em extrema confiança e estima, sendo elle quasi um administrador de seus bens.

O forte da fazenda era a criação.

Bôas e avultadas compras de gados vaccum e cavallar, eram feitas por vizinhos e distantes sitios.

Logradouros e mais pastagens apropriadas recebiam annualmente grandes boiadas que, á porta e em tempo opportuno, revendiam-se por bom preço a boiadeiros que, attrahidos pela fama, aqui se abasteciam.

E' Leandro alma de tudo aquillo.

De uma norma exemplar, correcto no seu tracto, sem rebuços, sem adulação, francamente orgulhava-se da estima adquirida por seu merito.

Independente por uma regular economia, a amizade prendia-o ao fazendeiro; este, por sua parte, via alegre, queria-lhe tambem muito, confessando-lhe por vezes sua gratidão.

Desassombrado das grandes difficuldades do começo, suas esperanças animadoras caminhavam ás mil maravilhas.

Leandro era casado e não tinha filhos, quando tomára conta dos serviços vaqueanos, mas, decorrido algum tempo, parece que a mudança de clima operára um milagre.

Contava elle então seus quarenta e dois annos e trinta e cinco sua mulher, tendo doze de casados.

De doente e queixosa, qual sempre andava, a senhora Anna reflorescia por uma robustez feliz, substituindo as muitas epochas de desalento e tristeza em que vivia mergulhada.

Tudo se mudára em verdadeira expansão de goso; e, cousa singular!, no mesmo dia em que uma das meninas de d. Lucinda fora avisar á senhora Anna que sua mãi dera á luz gorda e linda criancinha,

identico recado volvia para a senhora Leal: tambem Anna era agora mãe de sadio rapagão.

Decorridos eram já oito mezes, quando um dia o cura da freguezia, em desobriga por estes logares, sagrára na mesa lustral e no mesmo vaso os nomes de Angelo e de Hercilia, innocentes seres de uma mesma aurora.

Para padrinhos de Hercilia foram convidadas pessôas de sua familia.

Os de Angelo, por antigos compromissos de seu pae, apresentáram-se gente humilde, mas honrada.

Houve ciumes por isso entre os dois amigos; em todo o caso um pouco mais tarde o chrisma annularia a sem-razão: seria tambem padrinho o Snr. Leal.

E, em bôa harmonia, seguiram-se os festejos do baptisado em casa do fazendeiro, onde se trocaram brindes ás familias dos pequenos.

Estes, deitadinhos em um berço, tinham os sonhos dos anjos. Naquella lufa-lufa de povo assusvam-se de vez em quando.

Se Hercilia chorava, Anna pressurosa acudia ao primeiro vagido, amamentando-a; e, se Angelo, assim a senhora Leal.

As duas mães queriam-se muito, e, contentes, dirigiam-se, regulando as exigencias do modico festim.

Os camponios dos arredores enchiam a casa, a convite de Leandro e Leal; nada lhes faltava, reinando sincero enthusiasmo.

Viera a noite; e, ao clarão do luar do mez de Junho, dois reforçados tambores trovejavam para além dos angulos do ermo, amenizando os cantares rusticos, acompanhados á viola dos filhos do sertão.

Homens e mulheres em sucia saracoteavam a valer, ouvindo-se-lhes estas rudes coplas, ditas por vistosa moçoila:

> Ninguem jurgue sê feliz,
> Inda stano em bom estado,
> Que vem a tyranna sorte
> E fais do feliz desgraçado...



Seguia-se uma cantiga por metade:

> Lá em casa tem uma moça
> Qu'eu mêmo é quem stô criano.
> A despesa que a moça fais,
> Eu mêmo é quem stô pagano.

Frenetico troar de palmas modelava os sapateados da cantora, que, desmanchando-se toda por engraçadas voltas e meneios, olhava, sorrateiramente vaidosa, a rapaziada, procurando n'aquelle meio um escolhido.

O violeiro tocava, então, o "diabo rio-abaixo", peça muito estimada dos sertanejos.

— Burdarú, * diabo!

— Stá damnada hoje a Chiquinha do Licury!

— Stá siligristida * hoje!

— Ella stá é summanada *!

Taes os elogios dispensados á suciante, que, suspendendo nas pontas dos dedos o vestido de chita de *Jaiá do ouro*, tirava para a dansa o Manoel da Caatinga.

Palmas reforçadas com o resto da cantiga, começada pela Chiquinha aos seguintes versos:

> Viola, minha viola,
> Viola, que que tu tem?
> Viola, cond'eu bebê
> Cachaça, te dou tambem.

.......................................................

> Porém, tem certo sujeito
> Que da moça stá namorano.
> Porém, quem buli com ella,
> Hen hen!
> Vai p'a Bahia, chorano
> Diá! diô! diá! ô la, la diá!

E os versos d'esta cantiga eram um desafio ao violeiro.

Segundo o costume, um outro teria que responder em seu logar; não foi necessario, porque ao pé da lettra este retrucou:

---

* — Bravo!
* — Divertida
* — Refinada.

Sou barba dura
Cum fama de matadô.
Saca-trapo da verdade
E' a cachaça, sim sinhô.
O amô é uma cangaia
Que bota em quem qué bem.
Quem não quizé levá cangaia,
Não queira bem a ninguem....... ................

...............................................................

Cantiga :

La em casa tem uma moça
Qu'eu mêmo é quem stô criano
A dispesa que a moça fais
Eu mêmo é quem stô pagano

...............................................................

E, emquanto palmas soavam, elle continuou num repente :

E a muié condo tem raiva,
Mette a perna : *tem-tem-tem* !
A soberba cumbatida
Foi que matou Pedro Lem :
No céo entra quem Deos que,
Na terra vale quem tem....
Sinão, levano a cangaia,
Leva o rabicho tombem :
E midiato vem a carga
E a sobrecarga, meu bem !

E, riscando forte a dura e comprida unha nas cordas da viola, ouviu-se esta ultima gemer :

Porém, tem certo sujeito
Que da moça stá namorano.
Porém, quem buli com ella,
— Hen-hen!... — Vai p'a Bahia, chorano.
Dirá, diô, dá rá ô... ô lá lá lá lá... !

— Viva a folia, negrada! Sapateia e puxa a fieira! Viva nòis! diziam uns.

— Stá intrapigaitado,* o diacho da viola! Hum! Quem é que cae na *heba** de mechê cum esse *tataú*?! * — outros assim murmuravam.

Não eram sómente estes que se divertiam.

— * Enigmatico.
— * Tolice
— * Grande, elevado.



Lá pelos fundos da casa outro rancho cantava quentemente este batuque, ao som de arrufado tambor :

Guilombê
Guilombá.
Imburana de cheiro,
Jatobá.
Imbigada de perto
Não fais má.

Dezoito longos annos, no emtanto, rolam sobre estas harmonias para sempre extinctas.

Dezoito primaveras hão desfolhado no chão agreste a curta existencia de suas perfumosas e singelas flores.

Outros écos voam para as devesas e prados.

A torrente em seus meandros espraia-se na campina, reflectindo a florescencia de trepadeiras vivazes, enroladas nas arvores e nos arbustos.

Que formosa cordoalha alastrando o mattagal!

Que paizagens divinas e fontes de celestes harmonias!

Lindas ararunas desprendem os vôos das copas dos borityzaes e pousam alegres á grata sombra dos rasteiros catulés.

Passaros pretos, sacudindo as azas, soltam gorgeios que enternecem até á saudade.

Pegureiros d'essas brenhas descansam em terra núa á sombra das mangabeiras, olhando para estas scenas, sem uma scentelha de amor.

Indifferentemente tudo vêem, menos o gado a pastar a tonsa verde da margem da torrente.

Coitados! Scismam. E nas profundezas de um scismar, quantos mundos de illusões.

E' que as scenas vivas guardam no fundo do painel o traço magico da divinal palheta que as criou.

Elles sabem que muitas arvores são sagradas pela lembrança do passado.

Angelo e Hercilia parecem ahi chegando envoltos em luz, si bem não existam mais; porém, estas paizagens, estes prados e campinas, som-

bras das palmeiras, aguas das vertentes, estes céos azues, viram-nos em dias mais venturosos, ao lado um do outro, desde os primeiros annos juntinhos sempre, sempre amorosos, inseparaveis.

Quem assim os contemplasse, diria logo: — irmãos gemeos — e, de facto, gemeos n'alma, no mesmo pensamento.

Sagraram esta união o leite, os carinhos maternaes e a intima amizade das duas familias.

— Meu filho ! dizia com ternura Lucinda ao pequeno Angelo.

— Minha filhinha, meu anjo ! murmurava Anna ao abraçar Hercilia.

E, como uma visão venturosa, assim deslisou este estadio de innocencia.

Chegara por sua vez tambem a Natureza abrindo as amplas azas; Hercilia n'ellas se reclinára e, celeres, bem celeres os dias, qual passaro fendendo os ares em busca de dourados exilios. Angelo batia a mesma rota, seguindo-a.

Imprescindivel sua segunda vida, su'alma, emfim.

Viste já o casalzinho de novas rôlas, mutuamente serenando as hispidas pennas em seus queixumes, quando na sésta por entre as ramarias sussura a doce aragem ?

Assim elles.

Descuidosos, não presentiam, já arvoredo, os arbustos que o rocio de outro tempo banhára em matinal albor.

Quando o inverno vinha cerrar os horizontes, por elles roçagantes resvalavam as humidas e candidas nuvens do céo.

Os iris d'essas estações desciam do infinito com suas formosas côres, pousaram no dorso esverdinhado das florestas, e, alentando trepadeiras gigantes, n'ellas debruçadas, abriam essas corollas de enormes flores, e, quaes grinaldas de virgens, coloriam-nas ao longe.

Ah ! parece que n'esse tempo se respirava o quer que fosse de Deus nos matizes das campinas, no pendor das chapadas, na belleza incomparavel do



ermo, das veredas e dos palmeiraes; e a virgem sertaneja recebia uma dessas impressões que fixam n'alma doces episodios dos sonhos de criança, notas errabundas de derrocadas melodias.

Ella se desenvolvera de anno para anno, e nos primores da edade, n'esse scismar de innocencia affagava-a sempre a imagem immorredoura do companheiro de sua mocidade.

Este, não menos que ella, consumia-se n'uma dedicação admiravel de amor fraternal.

Tudo d'elle — Celinha ! tudo para elle — Celinha, e Celinha, rosicler imagem, plenitude etherea dessa razão inda chrysalida, visão bella e radiante, rompendo os nevoeiros mysteriosos da infinita estrada do coração.

Verdes annos tinham formado já os anneis de uma cadeia indissoluvel.

Quem os quebraria ?

O leite, o berço, o balbuciar das primeiras phrases, os folguedos, os affectos, um só perfume de amor com tintas de fogo gravaram-se naquellas duas almas.

Quantas vezes, debaixo da sombra dos borityzaes, emquanto pastavam as vaccas de leite, elles, pequeninos pastores, se despiam para o banho das aguas crystallinas !

Nas horas do mormaço, quando a canicula pejava de flammas a solidão, sumiam-se aos murmurios da fonte, bordejadas de algas e canniços.

Pequenos seixos jogavam então ao mais fundo d'agua, onde porfiavam em tiral-os, mergulhando.

Quem primeiro os achasse, avisava e, de novo, jogando-os em logar mais difficil, voltava a procural-os.

Muitas vezes Angelo vencia.

— Celinha ?

— Heim !

— Gallinha assada ?

— Assada !

— Fricta ou cozida ?

— Fricta !

— Vamos a ella?
— Vamos!
E lá se sumiam na profundeza da fonte.
A pastorinha não se deixava vencer tambem, indo certeira ao logar; e, quando victoriosa na porfia, gritava, nadando á tona:
— Anginho?
— Heim, Celinha?
— Gallinha assada?
— Assada!
— Fricta ou cozida?
— Cozida!
— Vamos á ella?
— Vamos!

## V

Nestes inneffaveis brinquedos o banho prolongava-se por horas longas até que, moderada a calma, quando as sombras do deserto trepavam as eminencias do valle, retiravam-se, ora cantando, ora tangendo mansamente as vaccas:
— Batatinha! Touquinha! Mulata! Carauna! Olé! ô lá! ô can!...
Ah! quantas vezes juntinhos, vigiando as roças, tangiam, correndo, os passarinhos nos milharaes!
Com a vida quasi em commum nas duas familias — cada qual uma occupação.
Durante o dia ninguem na ociosidade.
Entrada a noite, emquanto durava a labuta, as crianças occupavam-se de leves trabalhos.
Ao clarão do luar, alegres, brincando, sorrindo, pilavam o milho, o arroz, a mamona.
Cansadinhos, estendiam macio couro de boi e adormeciam ao lado um do outro.
Aos domingos Angelo dirigia-se a veredões distantes, dias inteiros, atravessando pantanos á cata de filhos de passarinhos e papagaios, trepando a altas arvores.
Nessas temerarias excursões não raro topava monstruosas sucuryús e mortiferas cascaveis, que se espantavam umas, achatavam-se outras para o bote infallivel; mas, intrepido, as repellia espancando, matando, ou saltando as negras e luzidias roscas.



Muitos d'esses reptis, desenrolando-se, desappareciam nos folhiços podres, ou chafurdavam nos charcos, cuja superficie estremecia com seus roncos.
Já crescidinho e sem medo Angelo de nada fazia caso.
Celinha era sempre o escudo dessa admiravel coragem.
Onde suspeitasse ou descobrisse um ninho, precipite calcava aos pés os mais perigosos monstros, guindava a palmeira ou burity, por mais elevado, e lá, onde apenas sussurram os ventos e os filhos das florestas embalam os sonoros cantos, chegava Angelo.
Uma vez vira um buraco em uma velha palmeira e delle sahir uma linda arara.
Que alegria!
Um vento forte, porém, agitava nesse momento todo o matagal, donde se levantava um sussurro da passarinhada, a procurar um refugio.
A palmeira oscillava.
Elle subia sem reflectir no perigo.
Subito um baque em cima.
Parou um pouco; e, sondando por entre a espessura da copa, nada vira.
Continuou; e, quando o ninho estava a dois metros apenas, um estrepitoso rah! deu signal de alarma bem perto de sua cabeça.
Era a defesa; a arara estava furiosa e atacava-o doidamente.
Angelo, com os cabellos eriçados e numa altura descommunal, sentiu cansaço e foi descendo.
E o ninho estava tão perto!
Não promettera a Celinha levar-lhe n'aquelle dia um casal de araras?
E, como se a imagem d'ella alli presente o reprehendesse de sua hesitação, cobrou animo e guindou-se de novo.
Lucta encarniçada!

Quando Angelo mettera a mão no buraco e arrancara os filhos da arara, esta, gritando, assoviando e a esvoaçar com desespero, pousara-lhe á cabeça, agarrando e cortando com o bico o chapéo de couro que, escapando-se com ella. rolára em um espinhal do pantano.

Um calefrio percorrera o corpo do menino, sentira fadigas, porém, favoravel a descida, em poucos minutos estava em terra.

As avezinhas que trazia, tinham fome, abrindo os biquinhos como a chorar.

Temendo novo ataque, não procurára mais o chapéo.

Tem surtos a natureza animada, e o amor maternal, quando se bate, nem o proprio leão se julga forte.

A arara espreitava-o, ralhando, voando de galho em galho.

Uma bulha surda avolumara-se nos mattos.

Um bando de araras!...

Mas, elle estava longe.—fugira.

Fóra do perigo, cortára um olho de bority e, com as palmas, cuidadosamente arranjando um balainho, agasalhára as aves ainda implumes, e triumphante correra para Celinha.

Esta, todas as vezes que Angelo se ausentava, tornava-se impaciente, indo sempre esperal-o á casa de seus paes ou ás bordas do campo, ou do vargêdo proximo, no rumo em que pensava dever apontar.

Tal succedera nesse dia.

Do campo ella avistara-o na orla extrema e baixa dos borityzaes.

A distancia era grande, mas venceu-a, correndo alegremente.

Angelo tambem corria.

Que inexprimivel doçura de amor e castidade!

Ambos, embevecidos um no outro, abraçadinhos, contavam as reciprocas horas de amargas saudades com a innocencia nos labios.

Agora vinham saltando de contentes, elle, contando as peripecias da viagem; ella, muito admirada,



a beijar ternamente o casalzinho de araras, depois, censurando-lhe as travessuras, enxugava-lhe com a saia o suor,apartando-lhe os cabellos lizos da testa-da fronte.

Riam-se de satisfeitos e assim chegavam á casa.

## VI

Hercilia possuia já um pagagaio que Angelo lhe dissera ter achado no cupim de um taboleiro ao pé do campo; a esse campo e flores que lá cheiravam, dera o nome de flores e campo de Celinha.

Muitos desejos tivera a menina de visital-os desde logo, e pedira que a levasse lá.

—E' muito longe, Celinha.

—Pois então, traze-me uma dessas flores. Não! uma, não; duas, tres... um galho, ouviste?

—Sim! Você quer hoje mesmo?

—Quero.

Angelo partira. Era uma ordem.

—Olha! gritára ella, vendo-o prestes a sumir-se no matto, não te demores muito; escuta ainda: eu quero a mais bonita de lá.

—Sim! Celinha, eu voltarei já.

Como affirmára, o campo era bem distante.

Uma legua d'alli, passava junto aos barrancos de umas brenhas, quando ouviu um mugir de animal desconhecido.

Parou e o mugido parou tambem.

—Que? Será possivel? Ouvi! mas, onde será? murmurou comsigo. E, demorando-se alguns instantes, nada mais percebera. Dispunha-se a partir novamente, e eis que a poucos passos se agitou o capim, e, a seus pés, balindo, saltára um veadinho.

Agradavel surpresa! Angelo em ansias ia segural-o, mas o animalzinho, presentindo-o, escapulira, sumindo-se por uma rampa. Seguido de perto por muito tempo ainda, foi sem difficuldade alcançado no fundo estreito de um barreiro.

E, cousa singular !, Angelo corria tão doido pelo veadinho que não sentira quasi ter saltado um abysmo.

Como que o chão lhe estremecera sob as plantas, e só então notára ter calcado as roscas de grossa e enorme cobra, truculenta giboia, cujo ventre, em extremo crescido, descansava immovel nas terriveis espiraes das malhas escamosas e reluzentes. Gozava o monstro da sua maior adstringencia. Apesar daquella inconveniente trapalhada, não se mexera. Contemplando-o por por instantes, murmurára:

—Não te mato porque tambem estragas as sussuranas e allivias os campos, sinão pagarias bem caro a vida da mãe deste veadinho que enguliste.

E, desprezando-o de novo, saltou-lhe as roscas: elle continuou impassivel.

—Não temos tempo que perder, não é assim, meu veadinho? Celinha ficará muito contente.

E aquella creaturinha, como se comprehendesse a linguagem da ternura, em troca dos beijos e affagos lambia as faces de Angelo.

Uma canção sonora accordára a floresta : trovas innocentes, sahindo-lhe do peito, repassadas de saudades e saturadas do nome de Celinha, que os ecos dessas brenhas repetiam fielmente.

No dia seguinte, quando a manhã surgiu nos horizontes de uma rosea madrugada, dois meninos, um alizando uma vacca de leite, outro acocorado ao pé desta, riam-se de gosto, vendo um veadinho a chupar lestamente as têtas.

A' tarde fôra Angelo buscar o galho das flores promettidas.

## VII

Como é bello o tempo de criança!

Symbolo das cousas santas que nas maiores dilacerações do espirito nos movem com scintillações vagas de celestial perfume, como se de um ser que em nós existiu, ellas,—aligeras revoadas—saudosas



do seu exilio, vêm á moradia d'outr'ora para dizer-lhe inda uma vez adeus!

Depois, d'esse velho pardieiro da vida de novo batem as azas!... fogem, vão-se embora, atravessando o espaço, além das brumas das florestas, dos visos dessas serranias do destino, muitas vezes para nunca mais.

Parece-nos tudo isto que o peregrino d'este mundo é um mixto de prantos e de esperanças, um calice fresco, aberto e vivido; trescala e sonha com a brisa que venha sorver os seus odores.

Angelo e Hercilia não gozam mais d'esses encantos dos primeiros dias da existencia, albores da mocidade infantil.

Distanciavam-se tão risonhas plagas.

Chegára a épocha em que os prismas da realidade se approximam da morada do ser, moldado para leis moraes e naturaes, embora debalde o sol os illuminassse por dezoito annos.

Por esse tempo já não existia o bom Leandro, que, tolhido pela morte, cahira repentinamente um dia á porta ao chegar do campo. Soffria uma lesão cardiaca.

Muito sentida pelos vizinhos essa morte, acompanharam-no com verdadeiro respeito á morada ultima dos justos.

No cemiterio do campo, em cima de humilde sepultura, plantou-se singela cruz em memoria do amigo.

Na arvore vizinha a essa mansão tambem foi gravado o mesmo symbolo.

Nessa hora de angustias alli se achava toda a familia Leal. Angelo e sua mãi consternadissimos! Nenhum lenitivo!

A muito custo Lucinda e suas filhas puderam retirar a desolada viuva do sepulcro, onde se ajoelhára.

Abraçado á cruz, soluçando, e na mesma attitude, Angelo nada via do que se passava em torno.

Approximou-se d'elle Hercilia.

—Anjinho? Vamos!

—Não, Celinha! Deixa-me ficar aqui.

—Não! Não fiques, não deixo. Vamos! Anda, Anjinho! Caminha! murmurou ainda com voz chorosa.

—Vamos, meu filho! Coragem! muita coragem! disse Leal, tomando-o pelo braço.

E retiraram-se.

Depois da morte de Leandro, Angelo, já pratico e perfeito conhecedor de todos os serviços vaqueanos, de accordo com sua mãi, tomára conta de toda a criação do fazendeiro, que para esse fim o havia convidado, já firmando com elle um contracto.

Assim, garantido o arrimo para si e sua mãi, com toda a actividade se dedicára ao trabalho, e de tal sorte que por aquelles sertões somente se falava nas façanhas do vaqueiro do Capitão Leal.

A fama, assim, andava de bocca em bocca.

O rapaz herdára de seu pai todas as qualidades; crescera, vendo o exemplo do trabalho, seus perigos e seus frutos.

Era assim que ninguem escalava uma selva com tanta facilidade como elle, nem tão pouco, saltando precipicios, sabia escaramuçar bravios touros, ou leval-os de vencida, mesmo enfesados á porteira do curral.

As epochas de vaquejadas no tempo de Leandro eram frequentadas por vaqueiros vizinhos e particulares, attrahidos pela noticia da bravura do—raio do campo—como chamavam ao menino Angelo.

Velhos pastores haviam-no experimentado em arriscadas empresas com uma lição a mais.

Leandro emprazeirava-se n'essas occasiões; fôra o mestre de seu filho, e n'elle confirmavam-se todas as esperanças de vel-o um dia homem de bem.

A morte tirou-lhe este gosto, para deposital-o na urna sagrada do affecto—o coração materno.

Na verdade Anna exultava com os elogios a seu filho, e este filho amava apaixonadamente sua bôa mãi.

Uniam-nos tanta innocencia e simplicidade que chegavam a brincar—mãi e filho—quaes duas crianças.



O filho procurava adivinhar-lhe os pensamentos e afugentar-lhe do espirito todo e qualquer desgosto.

A mãe dava-lhe bons e salutares conselhos, lembrando sempre a norma de vida de seu pae.

—Os negocios do senhor Capitão, meu filho, nas mãos de teu pae prosperavam muito.

E' necessario que faças o mesmo. Zeloso e diligente quanto puderes, que os favores que devemos, não se pagam nunca.

Hoje, no mundo, só tens por ti tua pobre mãe. Já de nada valho, sinão para guiar-te, emquanto me fores obediente.

Estou bem perto de seguir o caminho de teu pae: preciso, como sabes, de ora em deante de tudo. Para o que é bom, é necessario ter independencia e trabalhar muito, portanto.

—Sim, mamãe! eu lhe prometto tudo isto; Mãezinha hade ver, respondia Angelo.

A morte tem suas variantes.

Rapida transformação operara-se no animo e costumes do jovem vaqueiro.

De posse do novo cargo o destemido rapaz teve que seriamente luctar, percorrendo mattos dias inteiros, leguas e leguas, sem descanso.

De oitenta bezerros era a «colheita» annual; pelo que a lida dia a dia se tornara insana, incessante.

Os prejuizos occasionados pela mortalidade dos gados não o assustaram pela constante vigilancia.

O que promettera á mãe cumpria á risca.

O capitão Leal andava ufano com o «seu vaqueirinho», como o appellidava.

Um dia um boiadeiro appareceu por este bairro, e uma partida de gado foi contractada com o fazendeiro.

Angelo, logo avisado, convidára sem demora os collegas vizinhos para ajudal-o, e partira.

## VIII

Era um domingo á tarde.

Divertindo-se pelos campos, passeavam as filhas do Capitão Leal: tinham este velho costume, ora em companhia dos paes, ora de Anna, de Angelo, ou de algumas amigas dos arredores, quando em visitas.

Nessa occasião, porem, estavam a sós.

Havendo muita fruta da chapada, levaram balaios e, com a alegria propria dos annos, apanhavam aqui e acolá saborosas mangabas, muricys e outros sylvestres pomos da prodiga natureza.

Entretidas foram-se distanciando de casa muito e muito.

O sol baixára no horizonte, e, sómente quando alguns laivos de espessas sombras, precursoras da noite, mosqueavam a selva illuminada dos pindahybaes d'alem, é que se lembraram de voltar, e de ser então bem tarde.

Andrelina, que era a mais velha, gritava pelas irmãs entretidas á beira de uma fonte pouco distante, colhendo uns boritys maduros que encontraram cahindo de enorme cacho, e, porque não se importassem ou não ouvissem (que era o mais provavel), de lá não se demoviam.

—Vamos, gente! Amelia! Celinha!

—E' muito tarde! Vamo-nos embora! continuava Andrelina.

Nesse instante um rumor surdo, longinquo... quasi imperceptivel soara valle em fóra.

Andrelina como que ouvira; prestando attenção, nada distinguira mais que o fragor da tarde.

Mas, um pensamento sinistro passou-lhe pela mente—a vaquejada!

—Será possivel? murmurou comsigo e muito afflicta já.

Segunda vez o mesmo fragor mais distincto; ella não hesitara, correndo á fonte.

—Amelia, Celinha! Salvemo-nos, minhas irmãs, ou estaremos perdidas! A vaquejada!... e apontava para alem das brumas dos serrados.



—E' o que, Sinhá? disse Amelia, rindo-se.

—Si é? Não te rias, minha irmã! Escuta, moça!

—Ora, você está com medo. Eu tambem ouvi: são vaccas de leite que descem para o curral. Quem não está vendo isto?

—Demais que tempo ha para reunir tanto gado e longe d'aqui com os difficeis logradouros desta fazenda e em dois dias?

—Eu mesma ouvi Papae dizer ao boiadeiro, antes de partir, que o gado de venda não era muito manso, pelo que teria de ajuntal-o com difficuldade.

—Todavia, elle affirmára que em quatro dias estaria reunido o do contracto.

—Sim, Amelia! que tem isto? Esse gado não pode ser reunido por parcella?

—Jesus! disse Hercilia, meu Deus! Virgem Nossa Senhora! Com effeito, rolando, tombando pelo pendor do valle, chegava até alli esta rude, mas sonora estrophe, viva e apaixonada:

> O! lê! lelê! lelê!
> Meu boi bonito, salvação,
> Arisco, espacio, boi colonho,
> Perigoso pintado do sertão.

A duvida infelizmente fôra substituida pelo terror de perigo inevitavel.

A vaquejada vinha desfilando nos flancos do chapada e não tardaria muito descer á campina.

Cuidando em salvar a vida, as meninas deixaram os balaios, e, correndo em rumo de casa, piedosamente gritavam, pedindo soccorro.

O medo emprestava-lhes azas.

Amelia e Andrelina, mais fortes e ageis do que Hercilia, tinham-na deixado á bôa distancia, avistando já a casa onde não tardariam a chegar.

Hercilia, forçada pela violencia da carreira, redobrava de esforços, mas, fatigada, ia gradualmente perdendo as forças.

Uma dor aguda accommetteu-a do lado esquerdo, a ponto de parar por vezes a marcha.

Nesse interim uma columna de poeira avançara sobre a campina, e agora, a descoberto toda a vaquejada.

A canção soava ainda harmoniosa e terna.

O gado do sertão conhece a voz do seu vaqueiro, quando esta se eleva orgulhosa qual um idylio santo.

Familizariado, elle a escuta, commove-se ao sentil-a e accommoda-se, ora a passos lentos por ingremes caminhos, ora mugindo a trote por logares que desconhece e mostra querer evitar.

Manso, toma alento: pula, corre e brinca; bravio, torna-se medonho: escarva a terra, arremessando-a ao espaço, muge e muge ao deixar os campos nativos.

E tal era esse, que agora, vendo-se mais desafogado em ampla campina, mostrava-se inquieto.

Certa desordem manifestou-se logo: e, embora cercado por todos os lados da mais acurada vigilancia, todos temiam um rompimento qualquer.

Ora, apertava-se de um lado, ora acudia-se do outro, mas, debalde.

A agitação nervosa de espanto e ferocidade apenas era contida pelo aboiar do vaqueiro mestre, cuja voz soava cheia de mysterioso quebranto.

O presentimento e a confusão que a todos dominavam, convergiam todas as attenções para aquella melindrosa situação: qualquer descuido poderia ser fatal.

E um perigo ainda maior se desenhava ao longe e ninguem dera por fé.

Ouvia-se um gemer comprido, propagando-se dolorosamente pela campina, qual um tremor subterraneo em dia de catastrophe.

De repente, sem se saber como, grande massa de pó em visão infernal levantou-se da boiada, disparou, ganhou terreno, levando comsigo o raio da ira e da morte.

—Soccorro! soccorro! Salvem minha filha, meus amigos, salvem-na! gritou o capitão Leal, deixando cahir das mãos sua aguilhada.



Todos empallideceram; petrificados de terror e ao mesmo tempo de compaixão, quasi desviavam os olhos daquella scena. Nem esperanças ! Era tarde. Andrelina e Amelia, salvas, chegavam á casa, donde gritavam em lamentosa afflicção.

—Jesus! Jesus! Meu Deus! Corra, Celina! Corra, Celina!

A estes ais, outros ainda mais lancinantes—os de d. Lucinda e Anna.

—Acudam, acudam, acudam minha filha! Santa Virgem!...

—E meu filho não está vendo isto!?...

—Meu filho, acuda Celinha, meu filho!

O espectaculo era supremo e triste.

Só Deus poderia operar um milagre.

O touro mais valente da vaquejada illudira toda a vigilancia.

Hercilia, irremissivelmente perdida!

O terrivel monstro alcançou-a.

Já não podendo correr, a pobre menina vê de relance aquella sinistra féra, que, tomando proporções colossaes, não corre, vôa; parece ter azas e vem perto, muito perto já.

E, pomba attrahida pela voragem, violento arfa-lhe o seio, fogem-lhe as pernas, não tem forças: e, nada mais encarando senão o impossivel, julgou-se morta.

O terror desta certeza invadiu-lhe o coração, e, para mais não vêr, fechou os olhos; zumbiram-lhe os ouvidos e, desfallecida, rolara na campina, no momento em que os cornos do fero touro iam feril-a para sempre.

De seus labios a viração da tarde tomara esta supplica, que só uma vez repetia:—Anjinho!

Uma sombra escura como um véo de desgraça toldara o fundo d'essa scena.

Nesse momento ouviu-se um guincho espavorido e, depois, um mugido medonho, um ai de dor por um montão de ruinas.

Pavorosa trovoada soava matto em fóra: o gado, impossivel de ser contido, arrancára de carreira, volvendo aos carrascaes.

Passado o furacão que todo elle cahira a um tempo só, todos correram ao logar da catastrophe de angustiosos momentos.

—Forte infelicidade! exclamára o fazendeiro, apeando-se e levantando do chão o corpo inerte de Hercilia.

—Que desgraça me estava reservada neste dia! Hercilia? Hercilia?! Hercilia?... minha filha? E sacudia violentamente a moça.

—Leal?... e não concluira. Lucinda, alli chegando, cahira sem sentidos.

—Sr. capitão! meu filho?!... soluçava Anna, ajoelhada ao lado de Angelo, inerte, banhado em sangue.

Leal, fortemente commovido, de novo deitára sobre a relva o corpo da querida filha e desatou em pranto, ao mesmo tempo apertando vivamente a dextra de Angelo que, como morto, ali jazia aos pés de Hercilia.

Tinha o lado direito varado por um estilhaço da aguilhada, com que abatera a sanha do terrivel quadrupede,no instante em que vira perigar a vida de Celinha.

O cavallo, ferido ou estripado desastrosamente na lucta, acabava de expirar.

--Nunca assisti em minha vida a uma scena tão triste, qual a que estou testemunhando, murmurava o boiadeiro, que tambem acompanhava a vaquejada; que moço extraordinario, admiravel e valente! accrescentou elle, apalpando-lhe o coração.

—Na verdade, exclamam todos os vaqueiros consternados; é admiravel mesmo!

—Vive ainda? indagou Leal ao boiadeiro.

—Sim, senhor. Está vivo.

E ninguem podia conter as lagrimas; todavia, aquellas palavras esperançosas valeram muito.

Verificou-se tambem que a moça não estava morta, posto que muito pallida mostrasse certos e inquietadores signaes, e da fronte escorresse copioso sangue consequente á formidavel queda.



Sem demora foram os feridos transportados para a casa nos braços daquella gente toda contristada.

Serios os presentimentos.

D. Lucinda, voltando a si do deliquio, caminhava ao lado dos infelizes, amparada pelos seus filhos.

## IX

Raios de sol de uma tardinha, atravessando os visos dos matagaes, projectavam morna e rubra luz, entrando por uma janellinha praticada no oitão ao lado do poente. Era um quarto, e n'esse um modesto leito sem cortina, onde descansaram Hercilia.

Suave claridade batia-lhe em cheio, illuminando o rosto enfermo, muito roxeado pela ferida; nada de bello ou de formoso, mas, naquella golfada de sol refulgia docemente.

Dir-se-hia a imagem de santa martyr.

Os grandes olhos estavam cerrados;raro moviam-se inconscientes, quando era forçoso tomar remedios, ministrados com ternura por sua mãe.

Negras e compridas tranças desciam além da graciosa cintura em pleno desalinho; a respiração era umas vezes regular; outras, porém, agitada e penosa, qual si presa de tenebroso pesadêlo.

Chamavam-na, mas nada respondia.

Ouviam-na gemer; seu estado inspirava receios, mas os esforços empregados por seu pae a todos animavam.

—Não é nada, minha gente! Coragem!

—Isto ha de passar, dizia o fazendeiro; tenho mais dó do meu pobre Angelo.

E curvava-se em meditação profunda, suspirando e correndo ao quarto do enfermo.

Algumas nuvens, tomando forma de montanhas, levantavam torreões nos horizontes; fogo de longinqua peleja latejava dentro desses castellos aereos a chamma fulva do relampago, e um trovão surdo e sonoro sacudia a terra.

O gado do curral e o dos agrestes, farejando o espaço, atiravam para bem longe do valle saudoso e prolongado mugido.

Hercilia despertára nesse momento.

Olhando em torno, e vendo-se cercada de sua mãe, suas irmãs e mais pessôas da vizinhança que choravam, perguntára com voz muito fraca :

—Que é isto ? onde estou, mamãe ?

—Nada ! sossega, minha filha !

—Anjinho !... onde está elle ?

—Está bom, está aqui, minha filha ! Dorme um pouco, dorme ! Doe-te alguma cousa ?

Ella olhara ainda e, duvidosa, cheia de espanto :

—A vaquejada!... o marruaz !... murmurara, cerrando bastante os olhos.

Subito, uma rajada forte, estourando do lado dos brejaes, d'alli espantára agourenta cauã que, tomando o vôo n'uma gargalhada agreste, atroára os ermos, passando por cima da casa em lamentosa e pausada cantilena :

—Acuãn ! Acuãn ! Acuãn, e se foi além.

—Rah ! Rah ! bradara uma arara espantada, empoleirada ao caibro perto do oitão, e que com vóz grossa e emballada gritou a medo :

—O' Celinha ?...

—Anjinho ? respondera Hercilia, abrindo novamente os olhos e depois adormecendo profundamente.

Estava salva.

Grandes nevoeiros despejavam bastante agua nos horizontes em forma de tormenta.

Columnas de vento zuniam no espesso mattagal.

*
* *

Via-se Angelo em um aposento vizinho, deitado em um catre, cujo colchão mostrava grandes manchas de sangue.

Melindroso o estado, ninguem duvidara de uma consequencia funesta.



Descobrira-se-lhe a parte superior do corpo afim de facilitar a cura.

Naquelle tronco musculoso desenhava-se feia e larga ferida ao lado direito, e por algumas contusões distinguiam-se fracturas de costellas, assim como grandes arranhões no braço correspondente e na cabeça.

Ah ! um verdadeiro desastre; e, segundo o fazendeiro, na verdade um dia aziago. Felizmente não era um desanimado.

Para salval-o, empregára todos os recursos de que dispunha e, quasi com a certeza de bom exito, auxiliado diligentemente pela cuidadosa e bôa mãe do rapaz.

Chorava esta em silencio e muito resignada.

—Nada de receios, senhora ! Seu filho está grave, mas não para morrer assim depressa, embora tenha perdido a fala e os sentidos.

—Não é para menos: porém, tenhamos fé.

—E' moço ainda e vale muito isto.

Com effeito, decorridas longas horas em porfiada lucta entre a vida e a morte, o enfermo dera profundo gemido e nada mais.

—Que te dóe, meu filho ? perguntou Anna.

—Angelo ? chamou o Sr. Leal.

Elle nada respondera.

Dir-se-hia ser aquelle suspiro o ultimo da vida.

Os vaqueiros murmuraram baixinho :

—Não amanhece. D'ahi só pro barro. E' um defunto.

Na verdade parecia quasi morto.

X

Uma aurora côr de fogo lançava primorosos fulgores pela immensidade azul dos céos, após aquella noite.

A tempestade que ameaçára a fazenda, cahira com fragor pelos arredores.

As aguas das veredas, sujas e grossas, transbordavam ao pé dos campos, tão abundantes as enxurradas despejando-se dos grotões.

Densa luz do sol rutilava, aquecendo a monotonia de ladeirões de terra vermelha, ondeados de relva verdejante.

Perfumadas auras suspiravam, vindas de regiões florentes, enredando-se no arvoredo, onde ociosos os ninhos pendurados se embalavam.

E colméas da floresta, ventos das ramagens, passarinhos dos prados e vargedos alegres enleavam-se; e esse canto, esse zumbido, essa calma, esse ecco, eram flores d'alma, aromas de odorantes calyces á margem dos ninhos frescos, humectados do rocio santo das madrugadas, um transumpto ideal do bello e do sublime, quando nessas ignotas solidões a natureza, só ella, sabe symbolizar amoroso consorcio.

A atmosphera estava lavada e pura, como a roupagem bella de uma fonte, quando nella se reflecte o azul do céo.

Ha momentos em que nos parece ouvir um hymno, que a natureza entôa: a noss'alma exulta, o mais humilde ser sente-se bem.

Melodioso sabiá trinava nos galhos d'uma goiabeira, donde ora voava espantado e bravio para o coitezal.

Alli acabava de chegar alguem :

—Hercilia ... extremamente palida, triste... pensativa.

Trazia na fronte ainda os signaes da contusão da vespera.

No tronco em forquilha da umbrosa myrtacea apenas se sentára, — sahindo do fundo escuro do laranjal, viera de carreira a cabriolar um veadinho, e se poz a roçar mansamente sobre os joelhos da senhora, muito alegre, muito festivo, lambendo-lhe as delicadas mãos.

Ella, como fóra de si, numa especie de inconsciencia, affagava-o, alizando-lhe o macio e fulvo pello, e o animalzinho agachava-se até deitar-se a seus pés.



Nesse interim, voando de sua gaiola de pau, pousa-lhe no ombro seu papagaio em amorosa tagarellice.

—Cila ? meu louro ? meu cravo ? coitado ! Cila ? Yayá, dê cá um beijo. Arre ! Papagaio é cachorro ? Papagaio é moço de bem. Arre !

E toda essa doce arenga esvaía-se como fumo.

Em certas horas esse mundo parece-nos não existir.

Repentinamente a face de Hercilia cobriu-se de um rubor celeste e por ella foram-se escorrendo lentas, vagarosas, duas grandes lagrimas, — duas perguntas e duas respostas, sem palavras, de uma amargura profunda, de um coração que se despedaça.

Amor de irmão !

Todas as recordações dos tempos idos, condensadas em seu espirito, voltavam agora rejuvenecidas e sensiveis, quaes flores mysteriosas de peregrinas primaveras.

Dias de criança, animados, vivazes, cheios de graças — fogo de outr'ora — reaccendendo em scentelhas o livro d'alma — alado enxame á cata de perfume e de rosas da haste vicejante.

Illusões queriam mais illusões e com esse espirito sempre novo, forte, dominante, zumbiam em torno da candura virgem.

E tudo isto lhe perguntava :

—Elle viverá ?

E a fatalidade, como que respondia ao longe :

—Elle morrerá.

No atordoamento d'essas idéas, tão insistentes quanto martyrizantes, sem que desse por fé, alguem pousou-lhe a mão no hombro :

—Celinha, meu filho te chama.

—Eim ? chamando-me ? Que dizes ? chamando-me ?... Eim ? Está vivo ?... Elle não morre mais ? Não morre mais ? repetiu Hercilia, correndo, voando como louca ao quarto do enfermo

—Anginho ?! balbuciou ella, chegando com voz tremula entre a dor e entre a alegria, sem mais poder falar.

Escurissima sombra passou-lhe deante dos olhos.

Eram lagrimas abundantes que, sem querer nem saber, cahiam-lhe quatro a quatro.

Nenhuma pessôa, além de Anna, n'aquelle instante.

Os homens, desde cedo, por alta necessidade, tinham voltado com o fazendeiro aos trabalhos da vespera.

O boiadeiro, este havia partido já, adiando-se para mais tarde o cumprimento do contracto.

A familia entregára-se a outros mistéres caseiros, emquanto o enfermo ficava sob os cuidados maternos.

A pobre Anna, confiada no tratamento e esperanças do Sr. Leal, logo que viu realizar-se a melhora prevista por este, sobresaltou-se de alegria, no momento em que seu filho chamára por Hercilia, e, mais ainda, ouvindo-o falar:

—Celinha... és tu? Ainda... não... morri... Sinto... muitas... dores... mas...

Isto disse, com voz muito fraca e abrindo lentamente os olhos amortecidos.

—Oh! Anjinho, não morrerás. Tenho fé em Deus. Estou aqui.

E, tomando febrilmente a mão do enfermo, uniu-a ao casto seio, repetindo:

—Não morrerás. Quero que vivas, ouviste? Eu te peço. Tambem tu não sabes: soffri muito, muito... muito!...

E desatou em pranto.

Angelo deixou-se e nlevar naquella ernura do coração.

Quiz falar, fez um esforço, e a chaga do peito começou-lhe a verter sangue vivo: a fraqueza era extrema.

Anna, enternecida áquella scena tocantissima, e prevendo algum funesto contratempo, procurou retirar Hercilia; mas a recusa foi formal:

—Não, mãe! não me retiro d'aqui, succeda o que succeder. Nada me peça: não lhe obedecerei!



Debalde insistir.

Hercilia nunca soubera o que fôra amor, e agora amava, amava muito, amava como nunca, quasi infinitamente, e só agora o sabia e sentia em toda a plenitude de sua alma de virgem.

Quando das azas do infinito corusca uma scentelha sagrada para as estancias finitas, quantas chammas deslumbram o mundo no seu eterno equilibrio?!

Por toda a parte a sabedoria divina firmou n'ellas seu imperio, dos céos á terra, do firmamento ao oceano, da estrella ao verme, da pedra da montanha ao pó do valle, tornado em casta e formosa flor. E, porque fosse o espirito sua obra fundamental, nelle o fogo mais se intensificou: — o amor, o *fiat*, a flamma, a lava increada, ardente, imprevista, impetuosa, consumidora, inextinguivel, rompendo em cratera que se ateia, alaga, devasta, queima e não se apaga, sinão depois de cinza e nada, evolando ao elemento donde procedera.

E eis a que de um instante para outro se reduzira o coração de Hercilia.

## XI

Dois mezes decorreram depois d'esses acontecimentos.

Por felicidade Angelo se salvára.

A crise fôra de não se esperar que se levantasse; valia-lhe, porém, a constituição de moço e consideraveis melhoras resuscitavam a um defuncto.

Muito contribuira a dedicação de Hercilia junto aos cuidados maternaes e aos de sua familia.

Durante os mais perigosos momentos, jamais abandonara a cabeceira do doente, velando noite e dia.

Todos notavam essa fidelidade muito justificada.

Demais, a intima confiança entre as duas familias dissolvia qualquer duvida que houvesse ao lado de uma divida sempre nova, de ternura e gratidão.

Um céo de felicidade, portanto, experimentava o enfermo, todas as vezes que aquellas mãozinhas de anjo approximavam de seus labios resequidos de febre a colherzinha de caldo confortante que gostosamente absorvia.

Ella de cousa alguma se esquecia, proporcionando tudo o que pudesse distrail-o.

Com transporte ineffavel alli mesmo costurava, ora cantando, ora conversando.

Angelo, todo reconhecimento, confessava-lhe a caridosa solicitude.

Um dia Hercilia notára que um gemer surdo de vago se perdera em seu peito.

Suspirara tambem.

Abrira a bocca para contar-lhe confidencialmente todo o seu amor, todas os dores e vigilias; mas no supremo instante a palavra a proferir sahira, por assim dizer, de outra côr que nunca tivera em mente.

E é bem assim.

Não ha phrase que verdadeiramente o exprima.

—Que tens, Anginho? Dóe-te ainda alguma parte? E' a ferida do peito ?.

—Não, Cila! nada tenho.

—Falta-te alguma cousa?

—Tambem não!

E calava-se.

Ella, evitando-lhe o olhar, retirava-se por instantes.

Logo que Angelo poude andar, e o clima pouco e pouco lhe devolveu a saúde, Anna convidou-o a agradecer a generosa caridade daquella familia

Era tempo de retirar-se para que não fosse um abuso a hospitalidade.

Sabida esta resolução, foi geral o descontentamento.

Apresentaram justissimas razões; mas as de Anna, mais convincentes, cederam, não de bom grado.

—Ora, estamos tão perto, accrescentava a bôa senhora, que quasi podemos dizer de paredes meias.

Ainda assim, ponderaram-lhe que o rapaz não



se restabelecera de todo; mas a persistencia, sempre humilde, vencera por fim.

Uma partida é um pesar.

A convivencia nos crêa um como ser extranho, tomando muitas vezes parte em nossa existencia feliz, ou infeliz.

O espirito é um pomo; e no jardim do amor ha chammas que devoram sem consumil-o.

Quem parte, parte-nos.

Uma punhalada de dôr varára o coração de Hercilia, quando vira que seus amigos naquelle dia se retiravam.

Indo ao quarto do enfermo, encontrara-o arrumando alguns moveis.

—Que é isto? Como assim? Então nos deixa tão cedo?

Estas perguntas tinham tanta ternura, tanta uncção, eram tão suaves, que Angelo, interrompendo o que fazia, acabrunhado de tristeza, estremecera qual si despertasse de um sonho. Um raio mysterioso fendeu-lhe o coração, ganhou-lhe a alma; onde, pois, a resistencia?

Era tarde. Quiz falar a Hercilia...

Já não estava.

Procurou-a até ao corredor.

Desapparecera.

O rapaz perdeu a cabeça; voltando ao quarto, cambaleando, encostara-se ao catre em desatado pranto.

Oh! nunca soubera que amava, nem o que era amor.

Amava, então, a Hercilia; amava-a agora, com febre no coração.

Amava-a muito, muito, com uma paixão de morte.

Pelo fundo da casa, ouviam-se vozes de despedidas, de satisfações, de agradecimentos.

Angelo não poude recuar.

Enxugando as lagrimas, partira, beijando as mãos de seus bemfeitores com todas as demonstrações de su'alma.

Quiz saber de Hercilia e não teve coragem.

Ao passar pelo estacado, proximo á janellinha do oitão occulta no jasmineiro, volvera para lá os olhos num adeus.

Aquellas alvas e cheirosas flores alcatifavam o verde-escuro da folhagem que se movera.

Angelo empallidecera.

Alli estava Hercilia, occulta, de joelhos, abraçada ao pescoço do seu veadinho, mordendo-o depois insensivelmente, nervosamente, em um transporte de pranto.

O veadinho dera um salto, e, sem fugir, cabriolava de meiguice e innocencia.

E, como si tivesse elle o dom de responder, ou de entender magoas lancinantes, queixou-se Hercilia ao irracional, de novo alizando-o, toda arrependida:

— Meu veadinho ! perdôa-me; si tu soubesses...

E, levantando-se, foi, occulta pelo laranjal, acompanhando Angelo e Anna, até que se sumissem ao longe...no caminho.

.............................................................

O palmeiral scintillava no painel da vereda em uma ondulação suavemente agitada pelas auras ao *lá-lá-lá* dos leques; e, á luz clara da tarde, banhando os matagaes, casava-se, com o trinar das aves, nessas horas silenciosas do ermo, onde, em murmurio, torrentezinhas dos montes, de pedra em pedra desciam crystallizando-se nos paues.

E o dia findára.

Ao entrar do sol rubras nuvens crepusculares desabrochavam no céo,descorando-se depois em roxas e saudosas tarjas d'uma nostalgia divina.

Bem talvez que por lá, onde sómente libram os seres do firmamento azul, leves ruflassem as azas esparsas e estelliferas do anjo da soledade...

Extensas e ultimas sombras iam trepando pouco e pouco as eminencias das ladeiras côr de sangue.

A carobeira do valle abria as sanefas rôxo-azues de seu sagrado calyce, e as flores côr de ouro das carahybas se derreavam languidas ao sopro da viração.



E alguem tinha os olhos fitos na penumbra radiante da natureza livre e bella.

Angelo ! fôra a visão d'aquellas lagrimas de Hercilia.

Em toda a parte ella, chorosa e supplice: nos céos, na terra, na flor do campo agreste, nas hyalinas fontes, no trinar das aves, na voz dos ventos, na brancura fosca do areal da estrada.

Nunca, nunca tão linda, sympathica, tão formosa !

Attractivos havia-os na natureza; porém sem ella, vazia se tornava toda a terra.

E Hercilia nunca sonhára com formosura alguma, porque em tenros annos jámais a possuira.

Morena, vigorosa e de mediana estatura, a irradiação de virgem deslumbrava apenas como a innocencia, longe da grosseira idolatria da humana vaidade.

Para Angelo,que se parecia com ella, até mesmo em costumes, encerrava todos os thesouros. Pensamentos, aspirações, toda a sua vida pertenciam-lhe: — escravo d'ella, della sómente, desde o instante do primeiro amor.

Bem longe, quão differentes os tempos de criança, do amor angelico em duas flores unidas, acariciadas pela mesma brisa sem cuidados d'alma !

Só o céo de outr'ora sorria virgem ás sombras das palmeiras.

Ai ! tudo se mudára.

A torrente forçara o dique, avassalando esses seios castos, vazios, mas abrasados.

Amavam-se. Já não era sonho.

Um raio de luz os envolvia em um noivado de purpura.

E o sol havia entrado.

.............................................................

E a correnteza da vereda sussurrava ao longe nos pindahybaes, e, tempos depois, o ciciar da brisa crispava as folhagens adormecidas na solidão da noite.

## XII

Subia da terra uma d'essas calmarias enluarada do sertão.

Mez de Setembro.

Cinzenta atmosphera condensava-se na immensidade celestial.

Florestas negras, resequidas ou torradas, pareciam mumias abandonadas á espera do orvalho santo da nova estação.

Tempo das queimadas!

O fogo ateado aos campos devorava as relvas montezinas e as folhas seccas despedidas das arvores pelos ventos de outomno.

Rolos de fumo levantavam-se espessos dos flancos do horizonte.

Aqui e acolá, no pardacento fundo do céo, como em um espelho, pavorosos incendios rubros reflectiam-se.

Nenhuma lufada suavizava os brejaes, cuja agua tepida se cobria de uma especie de nevoeiro.

Um calor insupportavel entorpecia até os brutos armentos, estirados pela terra quente e crespa dos alpestres, ou na humidade vaporosa de pantanosas ribas, onde, por vezes, sendo o frio perenne, ainda assim o ar era pesado e morno.

As ultimas folhas tombavam com ruido do cimo das arvores e os fructos das leguminosas estalavam na ramagem das caatingas.

Nas noites desse mez a lua apparecia já bem distante do horizonte, quasi ao meio do céo.

Seu distico tingia-se do rubor de uma brasa viva.

Então era facil medir-se a espessura dos nevoeiros de fumaça, elevando-se uns em negras torres, acamando-se outros nos pincaros das montanhas.

Mais tarde, frouxos e brancos raios de luz por uma claridade phantastica rompiam a custo este sendal funereo, trazendo dos longinquos centros dos mattos saudosos carmes de aves.



Arias ternas e peregrinas soavam melodiosas de barrocaes, ravinas e perambeiras sulcadas de sonoras resteas...divinas.

Faziam côro o coaxar dos reptis nos charcos e barrocões e as notas estridulas dos caliangús nos prados.

O *mãi da lua*, voando de tôco em tôco, confundia seus ais humanos com o gemer das emas nas profundezas das chapadas.

Da natureza subia um doce incenso qual uma oblata para o infinito.

As scentelhas dos incendios desciam de longe, sobre as aguas, o capim secco e folhiços, abrasando-os nos pindahybaes, onde a macega e o sassafraz, queimados, perfumavam os ares.

Marulhava o pequeno lacrimal, entre quebradas de collinas para o esteiro do paul, e clareiras d'aguas mansas reflectiam no liso espelho as tochas caudatarias das estrellas.

Bem tarde já.

Reinava o soido das horas mortas.

Vozes noctivagas esmoreciam nas pousadas, a lua resplandecia, desferindo argenteos raios, e os astros crepitantes tombavam nos roteiros d'alem.

Subito palmeiraes e florestas estremeceram ao deslizar de lufada ardente, qual um vento feral a perpassar.

Seriam azas d'algum genio?

Sel-o-hiam talvez, porquanto tudo recahia em silencio, como si alguem houvesse proferido uma prece intima.

Oh! quantos segredos d'alma entrelaçados na serenidade do infinito?!

No immenso espaço vagava o anjo da solidão, tonto de eternas vigilias, nesse mar de luz, de brancura e poesia, nas alfombras azues do firmamento, nas divinas nebulosas dos céos.

Nos tombadores do valle os guarás (lobos selvagens) uivavam de espaço ao tintillar de insectos sob a relva estrellada de ledos pyrilampos. Os sucrujubas, esses negros serpentões dos pantanos, ronca-

ram pausadamente, emquanto da espessura tenebrosa desses eternos lodaçaes phosphorescentes crepitavam os fogos fatuos sobre os nenúphares.

Aos estridulos das cigarras, de vez em quando surdo rugido sacudia a terra ou confundia-se com um echo ao longe.

Eram as onças bravias nas fragosas luras das chapadas, ou nos brumosos areaes, brincando, saltando, inebriadas, enamoradas, tentando embalde escalar os céos para tragar a lua.

O echo que a viração trazia, e depois levava, era o estrondo da cachoeira dos Pandeiros por duas leguas distantes.

Uma ave desconhecida, rasgando o espaço num estridor de azas vertiginosas, chegára á grande altura, e, depois, voltando de chofre ao logar donde partira, acordava o deserto com espantos expressivos:

— Rola páu! rola páu! rola pau! até tocar a terra, e calava-se para recomeçar ainda.

Mas, em breve, uma onda de alvorada appareceu no levante.

Quantas noites, como esta, de mocidade e primaveras que não mais voltarão!

A torrente impetuosa do tempo tudo leva, tudo arrasta.

E' do destino das cousas da terra; e a creatura, synthese sublime da natureza, entrevê apenas uma nesga de luz atravez da espessa nuvem desse limbo da existencia, extinguindo-se na penumbra.

Um dia, uma aurora accendera a pouco e pouco a bruma santa do ermo.

Rôlas nos prados gemiam e as jurity lavavam-se na fonte.

Da banda das catandubas as seriemas cantavam; era o mesmo que ouvir-se uma clarineta a soar pelos «geraes» no galho secco ou derreado d'alguma encruzilhada.

Pintasilgos e canarios trinavam docemente, debicando sementes de rosas e alface nos canteiros do pomar, e maracanãs forasteiras celeres baixavam de



ignotas regiões sobre cachos de boritys, roendo-lhes a appetitosa polpa.

Pegas, jandainhas, sabiás, passaros pretos, azulões e outros casavam os seus cantares.

Perequitinhos verdes, lindas joias de esmeraldas, faziam bulha nos mamoeiros.

Tudo encanto; e a illusão — franja dourada do arrebol do amor.

E alguem olhava para esse quadro com tristeza inexprimivel á isolada sombra de tenro cajueiro.

Tinha a fronte muito pallida e que de vez em quando corava pendida para o chão, porque chorava, e porque, contrita e quasi de joelhos, aquell'alma dolorosamente exclamára:

— Ah! meu Deus! Perdoai-me, meu Deus!

E bello e sereno estava o céo azul dessa aurora de tantas flores e perfumes.

O prado, o palmeiral, a fonte rumorejavam no ar em fóra:

— Tu serás mãe!

E como que a natureza repetia tambem estas palavras.

Ao mesmo tempo um cavalleiro pensativo, parado no mais alto dos montes d'aquelles campos, por largas horas contemplava a casa da fazenda á margem da vereda rutilante de sol.

Era tarde e o perigo, imminente.

## XIII

Hercilia transviara-se. Desfolhara-se a formosa grinalda de seus sonhos de virgem. Dia para dia manifestava-se-lhe a natureza, denunciando-lhe a falta commettida.

As semanas correm, os mezes vôam, trava-se a lucta aos symptomas da gravidez, sendo forçoso occultal-a, evitando curiosos olhares dos seus e dos extranhos, fugindo a toda a indiscrição, e engenhosamente procurando meios de encobrir qualquer suspeita.

Mas a crise caminhava para o desfecho fatal.

Não raras vezes reiteradas desculpas suppriam as exigencias dos trabalhos domesticos; inda assim a infeliz se transformava a olhos vistos.

Reparavam-lhe já as tristezas, o recolhimento, a mudança geral do seu todo, o silencio de seus costumes, os signaes indeleveis de prolongadas vigilias, a ausencia de prazeres, a amargura sempre pintada no rosto e a recusa formal de mal estar, si indagavam do que soffria. Semelhantes contrariedades gastavam gradualmente aquella robustez, sem remedio nem consolação.

Ninguem a devassar este segredo.

Não obstante, certo dia, ouvira de sua mãe, um tanto pensativa, esta exclamação:

— Menina, não sei que tens. Estás muito doente; isto não vae bem e eu quero examinar com cuidado esta doença.

Hercilia ficou livida, quasi morta.

Seu pae alli estava escutando tudo, mas, não muito attento; porquanto naquelle instante chegava á casa um escravo de sua familia com uma carta urgente, reclamando sua presença na villa do Salgado.

Umberto, parente seu a quem muito estimava, havia enlouquecido, e seu irmão, mercador de escravos, por mau genio e crueldades para com os infelizes fôra barbaramente assassinado por um desses, a caminho das mattas do sul de Minas, tendo a cabeça aberta por golpe de machado, quando dormia.

O fazendeiro, engolindo uma saliva amarga misturada de lagrimas, deixára cahir a carta em dolorosa expressão:

— Forte desgraça!

— Que foi, moço? indagou Lucinda.

Não poude falar; e, só depois de muita insistencia da mulher, respondeu soluçando:

— Nada! Vou neste momento á villa; e, apanhando-a, leu de novo a carta.

Houve um momento de consternação em casa.

Uma hora depois partia o fazendeiro.



Antes, porem, de cavalgar, chamou sua mulher:

— E' necessario muito cuidado de sua parte, Lucinda! Nossa filha está bem doente. Menina tão vigorosa e agora com esta mysteriosa molestia que dá tanto que pensar! E' bom cortar o mal pela raiz. Inda pouco, emquanto eu lia a carta, você falava com ella sobre a doença. E' bem possivel seja este clima, pois tambem vou passando só Deus sabe como. Tome todo o zelo. Não sei quanto tempo me demorarei, nem o que terá acontecido com semelhantes noticias. Comtudo, na minha volta... Adeus!

E Leal extendeu a larga dextra, apertando a da esposa.

— Vá em paz. Meu Deus, que infelicidade! disse ella, vendo-o já muito longe. Ninguem neste mundo sem soffrimentos.

E retirou-se muito afflicta aos aposentos interiores, não mais se lembrando de Hercilia.

Esta, sempre attenta, presenciára toda a conversação.

Aquella carta fôra uma salvaguarda; encerrada em um circulo de ferro, não sabia que fazer.

Conhecia bastante o genio iracundo e violento de seus paes.

Não tinha sinão a Deus para quem appellar, e sem remissão.

Afflicta, pensára em Angelo, naquelle instante talvez ausente nos longinquos campos.

A preponderancia e, portanto, a irreconciliação accenderiam o facho infallivel da vingança.

Um inferno de torturas bramia-lhe n'alma.

—Foge (imperiosamente batia-lhe o coração), foge, desgraçada! E a pobre Hercilia sentia suores frios escorrer-lhe em todo o corpo. Acolhendo o ultimo pensamento, como um lenho salvador, cautelosa arrumára umas roupas em um lenço e occultou-as no cafezal.

Era no tempo das aguas. O dia correra esplendidamente bello pela manhã; mas á tarde repentinamente se mudára. Grossas nuvens inundavam o céo, ameaçando proxima borrasca, e ninguem a suspeitava siquer.

Temerosas lufadas provocavam nas florestas medonhos estrondos. O sol não entrára ainda, e faixas de trevas sulcaram o meio do valle.

Maracanãs assustadas refugiavam-se nos bananaes, presagiando-se a tormenta.

Hercilia, inquieta e angustiada, chegara á janella de seu quarto, sondando os carreiros dos campos.

Nada de Angelo!

Furiosos ventos rangiam nos cannaviaes.

A casa parecia deserta, suas irmãs tinham ido ás pressas buscar agua a uma fonte algo distante.

Sua mãe, temendo talvez as trovoadas, conservara-se nos seus aposentos; a desditosa moça tudo espreitava, aterrada, desorientada; e... ou a fuga, ou a morte.

Uma saudade bem cruel cortava-lhe o coração: lembranças de suas irmãs que tanto amava, de seu veadinho, seu papagaio, sua arara, a casa paterna nessa separação para sempre!

Ella... outr'ora tão amada, tão querida!... Agora, amaldiçoada!... Assim pensava, chorando pungentemente.

Nesse interim chega Angelo com umas vaccas de leite, apeando-se á porteira do curral. Hercilia, tomando o embrulho que escondera, corre ao seu encontro.

Salta-lhe por deante o veadinho.

Ella, ajoelhando, abraça-o em soluços:

—Dá lembranças a meu papagaio, á minha arara, ás meninas, a minha mãe... a todos! Adeus, meu veadinho! Adeus para sempre!

Angelo, que estava proximo, sobresaltára-se com aquella scena.

—Que é isto, Cellinha?



—Partamos d'aqui n'este momento sem perda de tempo. Estamos perdidos.

Angelo empallidecera, mas, não duvidára.

Sem recuar, num volver de olhos medira o perigo.

Poz Hercilia á garupa do possante e veloz rosilho, seu companheiro de confiança, e um presagio ameaçador os arrancou d'alli.

Brame a tormenta e a noite torna-se escurissima.

Abrem-se as cataratas do céo e o vento zune violento nos barrancos das grotas e ladeiras.

Tão densa estava a escuridão, que a custo o relampago rompia a massa enorme da noite, cortando-a de clarões profundos, rapidos, sinistros.

Os trovões abalavam a terra e o céo.

O aguaceiro inundava as estradas, alvejando-as como leitos de rios, e os desfiladeiros vomitavam catadupas troantes para o fundo do valle, despejando-se nas agruras do ermo.

Que ventura para quem vê o percurso da tormenta ao doce aconchego do seu lar!

Que desventura para quem sente e affronta o zurzir dos elementos atravez das tormentas do espirito!

## XIV

A novidade *em pessôa*, pondo em movimento as linguas mexeriqueiras, voava de bocca em bocca nos arredores da Boa Vista.

Nenhum outro facto se commentava mais do que este com tantos juizos falsos e supersticiosos.

Os logarejos são muito achacados desse mal.

A curiosidade subia de ponto.

Quem era de vida sedentaria, agora sahia para mentir, parolar em toda palhoça, em qualquer rancho de *beira de chão* ou *pé de pau*; uns pelo gosto de bisbilhotar a vida alheia, outros por interesse mesquinho e pessoal: tomar de emprestimo uma *casquinha de fumo*, um dente d'alho, um punhado de sal, uma pinguinha de cachaça. Sentenciava este:

aquelle prophetizava e uns e outros espionavam ás furtadelas a casa do fazendeiro ausente. Durante dias o alvoroto extendera suas azas sobre aquelles cerebros mesquinhos.

A colera e a vingança do nobre capitão eram discutidas como infalliveis.

Taes as opiniões do povo.

Um silencio funebre pairava sobre aquella casa abastada, cujas portas se conservavam cerradas.

Dalli nada transpirava, augmentando e fortificando por isso mesmo as murmurações sobre o desfecho d'aquelle drama com a chegada do chefe.

Inquietação geral! Mas ninguem se atrevia a deitar os pés naquelles terreiros.

Afinal, apparece o fazendeiro.

Avivam-se os matreiros camponios.

Que succederia?

Espionavam-se os passos do rico senhor, mas em pura perda: sempre e sempre o silencio.

Nem uma voz alli se elevava, sinão do cachorro em sentinella em deredor, farejando algum rasto desconhecido.

Os curiosos davam extensas voltas nos mattos, agachavam-se nas moitas vizinhas e dellas viam de longe o capitão meditabundo, por horas inteiras, ora sentado, ora caminhando com as mãos cruzadas sobre o peito á sombra de uma quixabeira.

Como adivinhar o que lhe ia no espirito?

Não fallára, não consultára nem chamára pessôa alguma em seu auxilio.

Quem ousaria dirigir-lhe a palavra?

Dois individuos de sinistra catadura em certo dia alli se apearam, conduzindo mais um cavallo á dextra.

Taciturnos, sobraçavam clavinotes de grosso calibre e pareciam esperar ordens, porque de pé não ousavam descansar, olhando furtivamente para o patrão.

Este, engolphado em seus pensamentos, não dera por fé ou não quizera importar-se com elles, ao menos apparentemente.



A tarde d'esse dia—uma tardinha clara—estava lindissima.

As perdizes nas chapadas soltavam saudosos pios e os passarinhos gorgeavam nas varzeas, nas ondas de uma luz esverdinhada de mistura com sombras.

Na majestosa copa de uma gamelleira, ao fundo, agitando a placidez da tarde, um casal de bem-te-vis modulava este duetto:

—Vi..i..i..i..i...
—Vi..i..i..i..i...
—Tirs te vi!
—Tirs te vi!

E, depois de pequena pausa, recomeçava mais forte:

—Tirs te vi*i*
—Te vi!
—Tirs te vi!
—Te vi!
—Tirs tirs te vi!
—Te vi!
—Tirs te vi!
—Te vi!
—Te vi!
—Te vi!
—Tirs te vi, tirs te vi!
—Te vi!
—Tirs tirs te vi!
—Te vi!

No ultimo leque de uma palmeira nova do quintal o papagaio cantarolava estes rudes versos:

Veado no campo
Corredor,
Cachorro n'elle,
Caçador!
Au! au! au!
Sae, cachorro!

Carocha vendeu a saia,
Carocha!
A troco d'aguardente da praia,
Carocha!

Passa fóra
Candangola!
Quem tem rabo
Corta fora.

Papagaio louro
Do bico dourado,
Toma esta carta,
Meu louro,
Leva a meu namorado.

Papagaio real,
Para Portugal
Quem passa,
Meu louro?
—Rei senhor que vae á caça;
Toca trombeta e caixa.

Purruspaco
Papaco
A mulher do macaco!
Ella pita,
Ella masca,
Ella toma
Torrado.
Pr. r. r. u!

Arre lá, senhora!
Papagaio é cachorro!
Papagaio é moço louro,
Pé de prata,
Bico de ouro,
Filho de um rico fidalgo.
Arre!

Quem observasse bem a prosa d'esta ave, certamente notaria uma secreta uncção, terminada em uma doce lembrança enviada aos horizontes, onde a tarde lá se ia:

—Oh! Cila? Cila?

E o eco repetia ao longe: ..... Ila?... Ila?... por entre os palmares, quedando-se no ermo.

Trepando á mesma palmeira, gritava a arara com voz grossa, imitando o papagaio:

—Cila? oh! Cila?

Nessa occasião o fazendeiro, qual si despertasse de um lethargo, olhou em torno:

—Zé Catrumano?



—Prompto! patrão! troou um negro trombudo, de cara horripilante.

—Entra aqui pelo fundo e atira naquelle papagaio. Mata-o!

Dahi a instante ouviu-se formidavel estampido.

—Chico Cabo Duro?

—A's ordens, meu patrão! responde uoutro individuo, alaranjado, cuja enfesada carapinha contrastava com a epiderme—côr de tacho areado, com olhares felinos, alto, magro, ossudo e teso como um malvado.

—Arreia os animaes, Cabo Duro!

Nesse interim voltava Catrumano, carregando novamente a arma e trazendo pendurada ao currião uma arara.

—Matou, Catrumano? indagou o fazendeiro.

—Nhor, não! O cravinote stava cheio de más, mas porém eu agaranto a Vosmincê que elle não voltará pru que sahiu muito chamuscado; e qui tem esta arara que stava junto mais elle.

—Oh! desejava vel-a morta tambem!

Descendo o campo e a cabriolar vinha correndo um veadinho e se foi ter junto ao capitão, como a saudal-o alegremente. Nada mais preciso. Hora funesta! A ira, a desastrada ira espichara-o no chão com violenta e certeira punhalada.

—Retira isto da vista de meus olhos, Catrumano! Arrasta pr'os urubús.

E, como allucinado, accrescentou:

—Assim tambem juro por esta luz que nos alumia, como hei de tirar as orelhas áquelles desgraçados!

O sol acabava de entrar tristemente e a noite sahia do valle povoando a terra.

Ao lusco-fusco tres cavalleiros, apertando ás cintas suas cartucheiras, hesitavam sobre que caminho seguiriam.

Depois de alguns instantes sumiram-se em opposição ao que os fugitivos haviam seguido.

E tudo recahiu em silencio.

Como que as azas da morte pairavam sobre o espirito das selvas.

## XV

Angelo e Hercilia, salvos do perigo imminente que os ameaçava, caminhavam noite e dia, favorecendo-os o erro casual da direcção tomada por seus perseguidores.

O inverno rigoroso detinha-lhes a marcha ainda mesmo forçada.

Hercilia, que nunca viajára, sentia vexames taes com a jornada, que por vezes chorava, maldizendo-se nessas dores supremas pesadas pela fatalidade.

O sol,a chuva, o cálor, o frio e o sereno eram seus companheiros inseparaveis, sem que até então uma palhoça siquer os amparasse; demais disto, parar seria preparar o inimigo, esperal-o; e, portanto, nada de repouso ou de hospedagem em qualquer parte, onde um só vislumbre de desconfiança os perderia.

A conveniencia de evitar vestigios era estrictamente observada; o medo os obrigava a abrigarem-se ora a um antro occasional, ora ao matto mais cerrado.

E soffriam muito, principalmente nas noites invernosas, sem comer nem dormir.

Tamanhos sacrificios eram demais para a pobre Hercilia. Inchavam-se-lhe os pés, dilacerados de espinhos, e gemia noites inteiras, si a jornada era maior.

A escassa provisão que levavam, extinguira-se.

Por todos os modos surgiam difficuldades.

O cavallo em que viajavam, pouco resistira, cansando-se nos primeiros dias.

Viram-se a pé e sem parar.

O animal, logo que recobrou forças, voltou aos campos patrios.

Os fugitivos não se lembraram d'isso, tamanhas as preoccupações.

Caminhavam em direcção ao norte, afim de, o mais breve possivel, no seio de outro povo encontrar protecção que os salvaguardasse.



Essa esperança animava-os; mas muitas vezes desfazia-se como o fumo, quando, não só pelo incommodo de Hercilia, como ainda por demoras sensiveis, Angelo precisava trabalhar para a obtenção de novas provisões.

Não raro recorria nesses lances á natureza: um pouco de mel sylvestre, um fructa selvagem.

Hercilia debilitava-se a olhos vistos.

Calado até á resignação, Angelo era sempre o mesmo: amoroso, delicado; não ouvia um gemido de sua companheira de infortunio, sem participar do mesmo calice.

Buscava todos os meios possiveis por vel-a restabelecida; e, somente quando os atilhos da adversidade tocavam ao extremo, é que murmurava sózinho, afflictivamente:

—Meu Deus! Forte infelicidade!

Mas, não lhe era obstaculo atravessar assim os ermos, vadear corregos e ribeirões de perigosas enchentes, levar ou carregar aos ombros Hercilia adormentada de febre, e com coragem cortar rumos por onde jamais sonhára caminhar.

Sem guia, salvava-o a grande pratica de bater matos.

Sempre dormindo nas selvas, por logares duvidosos, velava, afim de evitar o bote de qualquer féra, até que o dia raiasse.

Uma noite, noite escurissima, um phenomeno bastante natural alarmára o espirito infantil de sua querida: um clarão de luz mansa e leitosa lavara a face verde da floresta, escorrendo até o chão por entre as moitas densas!

—Não te assustes, tranquillizou-a Angelo: são as folhagens das tahypocas e vaquetas, que por aqui abundam.

Hercilia, despertando nessas occasiões, encontrava-o apprehensivo como de vespera e reprehendia-o docemente.

Sorrindo, não respondia.

E Hercilia tinha razão.

Embora não recuasse jamais deante dos soffrimentos, aquella robustez de ferro poderia vergar; e elle tambem tinha razão, sabendo que olhares de violencia o seguiam por toda a parte.

Adeante ou atraz, sempre a seguil-o qual espectro pavoroso, sinistro, vingativo... o vulto do capitão Leal.

Verdadeiro presagio! pois que este, depois de haver percorrrido e indagado por varios logares até ás proximidades da provincia de Goyaz, onde suppunha encontral-os, volvia á casa desesperançado: mas, alli chegando, accusara-o sua mulher, offerecendo-lhe a saia em troco de sua pusillanimidade.

Capacitou-se de que deveria tomar outro rumo, e avançou quasi certeiro, pois que, apparecendo-lhe á porta o cavallo dos fugitivos, esse facto o norteára mais ainda.

Decorrera um mez!

O boato, esse avejão do povo, pairava ameaçador, servindo de rastro á perseguição contra os desditosos fugitivos.

## XVI

No logar denominado — Defuntos — os tapuias Rodellas* da aldeia de S. João das Missões estavam á *desmancha**.

A' casa destinada a esse fim chamam *casa de farinha ou officina*.

E' um dos fracos recursos da agricultura em geral pelo sertão: um rancho mal coberto de telhas ou de casca de arvore, de paredes grosseiras e alinhavadas, de taipas; alguns sem portas na frente e no fundo, tendo uma saleta sufficiente para essa especie de trabalho.

O meio ou o fundo de tal sala é occupado por uma roda de pau em um eixo de ferro, terminado em veios, girando velozmente em dois grossos moirões de aroeira.

(*) Rodellas de pau=cascaveis, usadas nas dansas—torés em dias de festa.

(*) Preparar mandioca para a farinha.



Uma corda de couro crú de coati, toda ensebada, ajudando a roda em sua evolução, faz gyrar na distancia de 3 metros outro apparelho dentro de uma caixa quadrada, sem tampa de um lado, com dois grandes orificios no fundo, por onde ainda passa a corda, movendo com incrivel rapidez e estrondo bem monotono, um pau roliço de meio metro de comprido, preso por um eixo dentro da caixa e crivado de serrilhas, defendidas por uma taboa com buracos bastantes para as raizes de mandiocas por mais grossas que sejam. As raizes cortadas por essas serrilhas escapam-se convertidas em massa por um buraco grande, caprichosamente espherico, do fundo da caixa, cahindo em um cocho feito de um pau inteiriço a que dão o nome de *maceira*, bem como de *bolinete* ao apparelho de que falámos.

Assim preparada, é a massa levada á prensa, sita no interior da officina.

Junto á parede que dá para o nascente, levanta-se um quadro atijolado e limpo a que chamam *paiol*, largo e repartido por duas ou mais pedras lisas no centro desse quadro, abaixo do qual está o fôrno de duas ou tres boccas, recebendo a lenha necessaria que alimenta o fogo.

Aquellas pedras são de torrar farinha, beijús, tapioca, crueiras.

Com simplicidade apparecem outros objectos de pouca importancia, e nisto se resume o que se chama vulgarmente uma «officina do sertão».

Dia esplendido! Aspirava-se a frescura matutina dos matagaes floridos em deredor desses tugurios dos selvagens, evolando-se de cada um delles o penacho do branco fumo hospitaleiro.

Dos homens, uns revolviam a terra nos roçados, cavando o mandiocal, outros iam e vinham com grandes balaios de taquara á cabeça, cheios da preciosa euphorbiacea que na officina formava já alto monte, ao pé do qual agglomeravam-se acocoradas, mulheres e crianças.

Duas turmas porfiavam entre si na labuta. Atropellavam-se os ligeiros *raps*! *raps*!

*raps*! dos *caxereguengues* (1) ou trinchetes nas raizes de mandioca.

Voavam de mão em mão os *capotes* ou *capitães* (2); a prensa recalcava a massa crua, destilando a manipoeira (3); varria-se o fôrno, preparavam-se os rôdos (4), rachavam-se lenhas, e a roda, açoutada por dois vigorosos braços de truculentos caboclos, movia o bolinete, roncando ao som do seguinte desafio, improvisado e cantado pelos jogadores de moirão (5):

No caminho do sertão
Encontrei uma jabiraca
Que custano ua pataca,
Eu comprei por um tostão.

—Eu trazia o meu surrão
De couro de treis ovêia,
Cum treis cabaça bem cheia
De leite de caetitú.
E do oio d'um madacarú
Eu vi teu rasto n'areia.

—Eu vi teu rasto n'areia
E me puz a maginá:
Oh! que mimo tem teu corpo,
Que teu rasto fais chorá!
No é do páo tem um ôco,
Onde tem um mangangá.
Mais em cima um enxuhy,
No meio um arapuá;
N'uma gaia uma pintada,
Na ô'ta maracaiá.
Tirei um bolo de barro,
E tapeï o mangungá.
Botei fogo no engú,
Furei o arapuá.
Dei um tiro na pintada,
E acabei c'o maracaiá
E meus parentes da banda de lá.

---

(1) Faca ordinaria ou pedaço de faca.
(2) Raiz de mandioca rapada até o meio.
(3) Succo venenoso da mandioca que embriaga ou mata os animaes que o provam.
(4) Meia lua de madeira na extremidade de um pau para torrar farinha.
(5) Modo especial de mover-se nesse trabalho (Josaro moirão).



—Marimbondo magangá
So fais roça na catinga.
Quem não póde c'a mandinga,
Não carrega patuá.
A desgraça do pau verde
E' ter pau secco encostado:
Pega logo no pau secco,
La vai pau verde queimado.
Espraia brasa no chão
E fica tudo arrasado.
La em casa tem um gato
Que sabia tirá leite.
A gallinha lá de casa
Sabe brigá de porrête.
Lá em casa tem um capado
Que sabe escorá tamborête.
Cachorro de lá de casa
Sabe tocá machête.
Um pagagaio no pau
Que sabe tocá foguête,
Uma arara cantano
Em riba do catolé.
Não era coco, não era nada:
Era um vaqueiro de pé.
E dei um xôto no cabôco
Pu riba dum marmeleiro,
O gibão d'elle roncava,
Cumo trovão de janeiro
Eu drumia e acordava
E a capanga do negro zoava...

## XVII

—Misericordia, meu Deus! Perdão, meu pae! Perdão! Anginho?!

—Eil-os, emfim! Amarrem estes miseraveis! bradou a voz de um homem, entrando de salto na officina, cego de furor infernal, sanguinario, e que, sem se importar com pessôa alguma, arrastava pelos cabellos a uma moça supplicante.

—Mata-me de um só golpe, meu pae! Eu sei que só a morte póde lavar-me...

Mas aquelle homem estava surdo de colera, de vingança, de rancor, e continuava a arrastal-a para fóra da officina.

Um baque medonho por cima da macieira, e depois, na vertigem de supremo desespero, outro não

menos cruel de um individuo que se esborrachára contra o monte de mandioca, sendo alli atirado quasi sem sentidos, tamanha a pancada recebida.

Tres homens brigavam valentemente: dois contra um. Um fóra de combate, e outro que gritava:

— Me acóde, Catrumano! O moço me mata, ou antonce eu mato este desgraçado. Tira este desgraçado de cima de mim, gente! Me acóde! Ai! me acóde!

O quadro era de terror, de panico indescriptivel.

Um alarido de gritos e imprecações de mulheres e crianças!

Caboclos precipitam-se de carreira na officina, onde já o seu chefe luctava com o desconhecido, que tentára apunhalar a moça, aparando em tempo aquelle golpe fatal.

—Stá doido, seu home? Home de Deus, que é isto? Me attenda!

—Largue-me, senhor! bradava ferozmente o desvairado. Não seja atrevido! Quem é o senhor?

—Nunca lhe dei a ousadia de tocar-me. Aqui não lhe cabe e falta-lhe toda a competencia.

E, dizendo assim, esforçava-se em desenvencilharse do chefe dos tapuias. Este responde com energica prudencia:

—E' inute, senhor. Quem manda em minha casa é eu.

—Seje quem fô, tenha ou não tenha competencia, justo é qu'eu não consinte in simiante barbaridade. Vancê não pode pensá o que stá fazeno. Essa moça é sua fia? ou...

—Minha filha?! Esta, filha minha? gaguejou elle, dando uma gargalhada de odio. Nunca! nunca! Já foi. E, deixando cahir o punhal, bateu, esmurrando o peito:

—Sou um pai deshonrado, coberto de infamia, de opprobrio, desgraçado por toda a minha vida. Preciso desabafar este peito e estas barbas velhas. Hoje, não ha santo nem Deus!



—Quero vingar minha honra manchada. Tenho sêde de sangue. Quero vingar-me, quero vingar-me! Faça o favor de entregar-me o punhal.

O caboclo recusou o pedido.

Uma segunda investida, mas a victima fôra-lhe arrebatada. Ante o impossivel, calara-se de repente. Um nó atravessara-lhe a garganta, estatelaram-se-lhe os olhos injectados de sangue, e, fixando-os naquelle instante na desventurada, já em mãos d'algumas mulheres, soffrera tremor convulso. Era o orgulho concentrado, e todos lhe viram lagrimas maldosas escorrendo pelas faces e afundando-se nas longas barbas.

E sentára-se por algum tempo em um cepo, que alli estava.

Cego de ira, nada mais enxergava.

Veloz raio de luz clareia o facto dos dois hospedes n'aldeia.

Naquelle borborinho e confusão de um só tempo, ouviram-se clamores fortes:

—Não mate o moço, jagunço!

E um tiro soára... Tarde ou a tempo, porque o assassino errára o alvo, mas emendára a mão com uma coronhada.

Por certo, o leitor terá adivinhado já a presença de Leal e seus asseclas.

Angelo luctava valentemente com o monstruoso Cabo Duro, que, dextro tambem, evitava as muitas punhaladas que Angelo com pulso firme lhe vibrava.

D'estas, recebera algumas, mas de nenhuma gravidade, posto que subjugado afinal pelo destemido rapaz, que o trazia preso sob os joelhos.

Melhora Catrumano do socco e do tombo que levara, e traiçoeiramente o aggride, vibrando-lhe com violencia aquella coronhada sobre a cabeça, rolando-o por terra.

A indignação, subindo de ponto, explodira em revolta:

—Desfeita! desfeita! Não se atura esta desfeita! vociferaram raivosamente os caboclos.

Sem demora assovios agudos perderam-se nos angulos do matto; a questão tomára caracter serio: o matto como que se movimentava. Parte dos homens e das mulheres tinham desapparecido; das crianças nem uma se via.

Os assovios resoavam repetidos, e, ao mesmo tempo, correspondidos.

Os assaltantes, repostos de sua temeridade, prestaram attenção ao aspecto mysterioso de alguns caboclos que restavam.

Bramam urros de fera no proximo matagal; na frente da officina vêm cravar-se algumas duzias de mortiferas flechas.

Capangas e patrão vêem-se cercados e perdidos.

Leal, melhorado do seu furor e um pouco desconcertado, temendo ser victima, levanfou-se em decidida attitude:

—Com effeito, cambada! Não foi para semelhante disparate que eu aqui os trouxe. Que lhes ordenei eu, sr. Catrumano e sr. Cabo Duro? Não foi simplesmente amarrar o rapaz?

—Sim, senhor, patrão.

—E como commettem absurdos d'esta ordem?

—Amarrem-no sómente, accrescentou com azedume.

Approxima-se o chefe dos caboclos em tom decisivo e ameaçador:

—Cumo? Amarrar! aqui? e condo?... E' baixo... Senhoro acaba de cummetter uma impurdença; senhoro veja cumo purcede, apois eu bem lhe disse.

—Meu amigo, faça-me o favor de dizer sua graça.

—Inlia da Costa.

—Oh! amigo Elias, si o arrependimento pudesse salvar-me?!

—Senhores todos, que me ouvis, desculpae a dor e a infelicidade de um pae pelo que acaba de acontecer neste logar. Não é, nunca foi meu costume desautorizar pessôa alguma. Confesso que pela primeira vez pro:edo mal em minha vida. Peço-lhes perdão; fiquei cego um instante sem conhecer o direito alheio, e o ssenhores têm toda a razão. Não



sei o que fiz, nem tão pouco o que estou fazendo, e reconheço-me culpado.

—Errei—estou mais que convencido; porém, que querem? Fiquei louco, assim que vi este miseravel rapaz que seduziu minha filha; demais, cada um que tiver filhos que se colloque em meu logar.

—Assim mêmo; mas porem, não percisava tanta dureza, nem tanta sede ó pote, interveiu Elias.

—E' verdade, não precisava, sr. Elias: e tanto assim que lhe dou minha palavra de honra de que nada haverá mais contra elles.

—Ingrato este rapaz! Crieio-o como filho: elle tudo esqueceu. Tambem quiz esquecel-o; mas, não pude.

—Era de meu dever procurar minha filha que com elle fugira; ninguem pode avaliar o que temos soffrido ha perto de dois mezes com este acontecimento: eu e a mulher. Andámos mortos. Minha filha é muito infeliz.

—Na verdade, infeliz mêmo.

—Eu sou o capitão Leal. Estimado de todas as pessôas de bem, collocado na melhor sociedade da villa, lá me aconselharam prender o rapaz para a guerra do Paraguay, que está accesa; deram-me para isso estes dois soldados que os senhores vêem, e trago ordem da justiça para o prender.

A estas palavras houve certo murmurio e trocar de olhos entre os caboclos. Leal aproveitou-se do incidente:

—Ha dentre os senhores alguem que saiba ler?

—Nhôr não! Quem sabe mora d'aqui mais longe—o ispetô de quartérão, o véio Marco, meu tio.

—Trago a ordem do delegado de policia; vou ler para que fiquem capacitados do que acabo de falar.

E da algibeira puxou uns papeis e os leu em voz alta.

Após a leitura entrou em differentes conversações com aquel:es rudes homens, captando-lhes toda a confiança, a ponto de desarmar toda a suspeita. Ruira a corrente desfavoravel da opinião, sendo Leal considerado desde logo um homem de bem e de merecimento.

Conseguido o que almejava, o fazendeiro, já amigo, fez presentes de valor pelo bom acolhimento de sua filha: e de tal modo se houve, que, suspensas as hostilidades, os fugitivos lhe são entregues, tres horas depois, sem mais resistencia.

Leal dissera haver pressa de viajar, e por isso não se demoraria entre aquella bôa gente, a quem era muito grato.

E dispoz-se a partir.

—Vamos, minha filha, disse, aproximando-se de Hercilia, e, quasi em prantos, accrescentou docemente:

—Vamos para casa. Não a acreditava tão ingrata para com seu velho pae!

—Eh! moça! apoiaram Elias e varios outros. E' bão vancê i pêra casa de seu bom pae. Elle nada lhe fará.

—Bem, meu pae! Vamos! Vamos para onde o senhor quizer, respondeu firme e resoluta Hercilia.

—Oh! minha filha! Não ha necessidade de falar assim commigo. Se você desconfia de mim, então fique, irei sózinho, e direi a sua mãe que a tanto chegou sua ingratidão.

—Minha filha, será possivel que não queira perdoar-me o que acabei de praticar? Oh! eu não estava em mim. Si eu não a estimasse, por sem duvida aqui não viria, sendo outro o meu proceder. Oh! eu não sou um monstro! E você bem sabe que o não sou.

—Sim! meu pae! Que estou dizendo? Já não disse que o sigo? Estou decidida. Seja o que Deus quizer.

—Vae, moça! Iss'é qu'é! Que lhe hade fazê seu pae?—inda teimaram alguns.

—Então, vae, minha filha?

—Sim, senhor!

—Cabo Duro, prepare os animaes. Você, Catrumano, arranje uma garupa para o rapaz. Por falar nisso, como vae elle?

—Bem seguro, patrão! Bem amarrado!

—Muito bem! Andem depressa.



E o fazendeiro, sem perder tempo, começara suas despedidas.

Hercilia, envergonhada e abatida depede-se tambem.

Arreiados os animaes, é posta á garupa do de seu pae, emquanto os camaradas accommodam o prisioneiro.

E partiram.

Aquelles infelizes mereciam compaixão e por muito tempo nada mais se falára n'aldeia sinão d'aquelle triste episodio.

No emtanto, leitor, si pensarmos bem, que modificação soffrera de um instante para outro o colorido deste quadro?

Que benefico raio do céo sulcára o intimo de um pae, commovendo-o ante a desdita de uma filha?

Ah! por sem duvida que n'elle procede o esplendor divino da verdadeira caridade, do amor, da compaixão, do sangue... ah! do sangue!?... Era sua filha e filha prodigá—flor sagrada para seu coração ternamente humano. E por que não? Perdoava? Precisava perdoal-a.

Talvez que alli não mais pesasse uma peccadora, e sim uma bella alma, lavada, pura e serena... regenerada!

O arrependimento orvalhára aquelle espirito, purificando-o no pranto.

E um pae é sempre um pae!

Como são mysteriosos os arcanos da alma humana!

## XVIII

Que doce regaço
De mãe carinhosa
Que, terna, amorosa,
Seus filhos vigia!
Si a noite regella,
Si passa a procella,
Mais azas tem ella,
Qual anjo da guia.

Travessas montanhas, pinaculos esguios,
Carreiros da gloria fulgindo sem par,
Quem é esse vulto que os braços estende,

Exangues, tão curtos p'ra o mundo abraçar?
Fallae, ventanias—tormentas errantes,
Phantasmas que ululam sedentos de lar...
O vento emmudece,
A tarde esmorece,
E o valle escurece
Em subtil pallor.
A noite adormece,
A brisa fallece,
A flor se estremece
Na leiva da dor.
O éco se cala,
A morte se exhala,
E a sombra nem falla
Desfeita em negror.
O orvalho gotteja,
A phalena voeja,
A estrige braveja
De susto e pavor.
Silencio que aterra. .
Um véo que se cerra...
Segrédam c'o a terra
Mysterios de amor.
Caminheiros errantes, espectros velados,
Nos seculos que foram sombrios, sem luz,
Que são esses orbes que o céo testifica?
Quem é esse vulto singello da cruz?
Calae-vos!... calae-vos!... que á plaga siderea
—O lenho se oscilla—banhado de luz!...

**Silencio!**

**AQUI REPOUSAM PARA**

**SEMPRE AS CINZAS**

**DE TRES MARTYRES!**

A cruz da estrada!

Oh! desengana-te, se te disserem que a fatalidade verdadeira é triste e dura.

Caminheiro do sertão, quando encontrares uma cruz na estrada, tira-lhe reverentemente o chapéo.



Ella é a arvore da fé—o fogo purificador.

Sob seus braços, ha muitos seculos, dormem gerações que cahiram no caminho da existencia; e ella, mãe carinhosa,—ave dos tumulos—tem-nas recolhido debaixo de suas azas.

Quem sabe si dos arcanos do infinito, ao lançar o Soberano Creador seu eterno *fiat* nesta epopéa de luz da creação, não fôra ella a primeira palavra de seus divinos labios, a primeira e sempiterna obra entre as constellações?!

Tira, pois, teu chapéo áquella que em seu seio encerra uma estrella viva.

Entre a vida e a morte interpõe-se um vacuo inevitavel.

Nos céos, no meio das grandezas da gloria apparente, mostra então a seus pés a imagem clara da tua derradeira morada de provações e soffrimentos.

Como se alteia sublime em uma noite sem luar!?

Quanta prudencia, quanta vigilancia!

Na linguagem dos mysterios ella te segreda: por aqui passarás, eu sou tua estrada.

Aqui, no valle, toda ella, comou m santelmo de amor, affiançando á cova estreita a esperança larga que confia, murmurando: subamos! Sou o anjo de teus prantos, eu te levarei alem!...

Contempla, caminheiro, em ti mesmo a cruz; abre teus braços e a encontrarás.

Foge da sciencia do sceptico.

Quem a traçou nos céos, a intelligencia legisladora do mundo e do espirito, o Ser do amor universal—não a creou perecivel.

O sol, alumiando a terra, tem menos luz; si quizeres vida, procura a arvore da redempção.

Como o perfume é alma da flor, assim ella—é flor e aroma do teu coração.

Guarda do teu silencio, defensora da tua honra, espelho da justiça, ella é a paz, o conforto, a alegria, o romance, a poesia e o poema immortal de todos os arcanos da humanidade.

Nas elevadas selvas rugem os ventos dos valles e sons de saudades repassam nas brenhas silenciosas.

O trocaz arrula no pino do espinheiro, a jurity geme no matto, latem os kankans nos antros dos carrascaes e restingas. Leves vapores sobem o flanco das montanhas por uma restea de sol de inverno.

Em calmaria estão as tardes cobertas de densas torres de nuvens, e o arvoredo oscilla no topo alpestre dos penhascos.

A floresta, mergulhada na solidão, accommoda-se a uma orchestra divinal, orlando de verde as fraldas das rusticas serranias, donde se derivam bellas vertentes, de pedra em pedra, de ravina em ravina, de leiva em leiva.

Que solennes murmurios!

Perdida atalaia num angulo da floresta, retardataria inhambuzinha suspira de leve, e o zabelê da caatinga em busca do poleiro canta, ouvindo gemer na matta o bando dos mutuns.

Bravas sericóias, denunciando alguma clara e solitaria fonte, occulta entre arestas e troncos de pedreiras, de algentes ninhos tambem saúdam a serenidade da tarde com estridentes ecos:

Tru! tru! tru! tru!—Uh!... ai kaka!!
Ai kaka!
Uh! ai kaká
Kaká
Uh! ai kaká!
Ai kaká!...

Pombas chorosas, espiando as ultimas gottas estriadas da rôxa luz poente, repousadas nos altos imbarés, suavemente arrulam este queixume:

Só!
Só, só fiquei!

Que deslisar de harmonia sob o céo!

E' quasi a hora em que a abelha está prestes a recolher-se ao cortiço para o sabor de doces pennaes, e os zumbidos dos serralheiros e dos moscardos nas brenhas tocam de passagem em qualquer ramo do ermo.



Corujões dão berros de espanto nos madeiros seculares, onde os guaribas selvagens, pendurados pelas caudas, roncam como os engenhos de pau dos lavradores, estrondando pelas montanhas.

As balseiras, renteando com os céos, enchem-se de aves forasteiras, deixando nella o enxerto de lindos e roseos cachos das lianas.

Que delicia o descambar da tarde em meio da selva!

A monotonia infunde respeito e medo num thalamo de tristeza: é o recolhimento do infinito.

Desgrenhada viuva,—a Tarde, em pudibundos véos de sombra e de luz, espósa a maravilha do Creador.

Ah!, nos fala a Providencia, como eu vos amo!

E nós, glorificados nos extases desse amor, bebemos, embriagamo-nos da invasora onda da eternidade.

Espirito limitado, que és tu?

Si com esse amor o horizonte sobe, subirás tambem; si desce, tu te nivelarás com o abysmo; porém, si és do infinito,aonde pretendes ir, si a cruz é teu extremo, teu marco miliario?

Buscas felicidade?

Segue-a.

Buscas o perfeição, queres repouso?

Ama a cruz.

Ella é a virgem por excellencia.

E a unica que não tem mãe; por isso mesmo se fez a mãe commum de todas as dores.

Em tempos futuros, em dias que não vêm longe, ella se erguerá formosa e bella no horizonte, como o sol no levante das nações.

Ama a cruz, porque, quando, abandonado do mundo, desejares alguem para teu amparo, ella será a primeira amiga a repousar comtigo na jornada da vida.

Nova ou velha, centenaria, cheia de bromas e de grammas, poida, lascada, sem braços, queimada, por terra, esquecida ou de pé, venerada e sublime, da planura do valle ao mais alto pincaro, ella, sempre fiel, será a aurora da tua esperança, a escada

mysteriosa d'esses sonhos do desterro, o anjo da consolação.

Ah! como é bello vel-a!?

Tambem ora nos traz recordações muito tristes, compungindo-nos como eterno sacrificio nos sitios do infortunio.

E certamente já tereis adivinhado.

Era por uma brenha intractavel de catanduba.

Arrependidos e chorosos abriam outr'ora os caboclos das Missões, funda e larga sepultura, onde depositavam piedosamente um cadaver de mulher em adeantada putrefacção, mostrando a garganta varada por um punhal, e nas mãos, ainda fortemente atadas, um profundo corte, obras estas quaes de amestrado magarefe. Faltava-lhe uma orelha. Não obstante tanta malvadez, a seu lado jazia um corpinho de criança, uma menina, desfazendo-se como uma flor.

Esse cadaver — o de Hercilia; o da criança — sua filha.

Não havia tempo a perder, pois difficilmente se executava aquelle acto de caridade.

O mau cheiro era insupportavel: as victimas, bastante estragadas por uma cafila de vorazes urubùs, que no espaço volteavam em alos negros.

Por ultimo desligaram de um tronco de aroeira outro cadaver — o de Angelo: brutalmente mutilado, com rasgões praticados nas arterias, e sem uma orelha tambem.

O chão — alagado de sangue em abundancia, coagulado e podre.

Quatro dias apenas eram decorridos, após a prisão dos infelizes, agora dormindo para sempre em uma só sepultura.

Plantaram depois esta cruz que o viandante admira, venerando-a, entrelaçada de linda ramagem de japecanga e hervas de florinhas azues, que a seus pés brotaram e vicejam na volta das primaveras.



## XIX

Pelo que vimos, o Leal não cumprira o promettido.

Muito de proposito calára infernaes designios, disfarçando-os, mentindo para safar-se o mais depressa dos caboclos, e de sangue frio coroar á vontade e ao requinte sua nefanda obra.

Com effeito, chegando áquelle logar algo afastado da estrada real,—no mesmo dia desenrolou-se o mais horrivel quadro que se pode imaginar.

Hercilia, já de pé, tivera desde logo os pulsos arroxados, e lutava muito, ou antes, prolongava por mais minutos a vida, uma vez desenganada de que sua perda seria inevitavel.

— Quero que tudo se execute a um só tempo, conforme nós combinámos; bradou Leal aos capangas.

Estes, em signal de obediencia, amordaçam Angelo, amarram-no a uma aroeira; nelle praticam inauditas barbaridades, abrindo-lhe afinal as veias dos pés, dos braços com um vigor jamais visto.

O fazendeiro assiste impassivel ao sacrificio.

O sangue transborda, jorra, ensopando a terra.

— Sangra este aninal antes que morra, e bem de vagar, como a um porco, para que não se vá depressa; accrescentou.

Os fascinoras começam a execução.

Notava-se no corpo do paciente estremecimento geral.

Nem um gemido siquer: era a vida que lá se ia!...

Emquanto isso o desnaturado volve-se para a filha:

— Ajoelha! ordenou-lhe imperiosamente.

A desditosa não resiste, cahindo-lhe aos pés:

— Meu pae!...

Leal saca de um pistola.

— Retira-te para mais longe de mim, não me toques; e...deixemos de lamúrias.

— Não precisa este rigor.

— Olha acolá!... e apontou Angelo: conheces e sabes bem porque...

— Mas, uma cousa ao menos: abandona-me, despreza-me, despreza-me para sempre!... Prometto nunca mais apparecer durante minha vida em tua presença; nunca mais!... Perdôa-me!

— Retira-te de mim, já te disse. E' impossivel! Nunca! nunca! Não ha santo que te valha.

— Mas, o senhor mata-me, meu pae?

— Não profiras este nome. Tens deante de ti um inimigo de sangue...de muito sangue; e só o pensamento de que ainda estás viva, horroriza-me. Um favor sómente: levanta-te, conta dez passos para deante e...nada mais!

— Então, só minha morte poderá...

— Não me respondas, não repliques, desgraçada, ouviste? Nem mais uma palavra. Irrevogavel! Sae de minha vista, ou te atiro sem detença.—E engatilhou a arma.

— Ah! meu pae, perdôa-me! Perdôa-me pelo amor de Deus!

— Não! não! Isto nunca!—vociferou, tremendo de colera, rangendo os dentes.

Hercilia resiste de joelhos.

— Espera ainda; ao menos uma cousa te decidirá a poupar-me a vida e a recuar de semelhante attentado.

— Tens alma de algum reprobo no teu corpo? Era-lhe custoso falar em tão curto intervallo; não fossem o terror da morte, o amor de mãe e a lucta pela existencia, jamais palavras semelhantes sahiriam de sua bocca; mas eram o ultimo recurso, o derradeiro arrimo, um lampejo de esperança.

— Não tenho alma de reprobo, e perdôa me tambem o que vou dizer-te: não é por mim: estou resignada com a morte...

E o coração violentado sangrava-lhe neste momento.

— Para mim não ha perdão; já sei, mas, ao menos te supplico pela criança que tenho. Embora filho da culpa, ella não tem culpa alguma.



—Maldição! Amaldiçoadas ambas! Tu e ella morrereis!

A estas phrases rancorosas, pelas faces de Hercilia desceram estranhas lagrimas, coradas... côr de sangue!...

A criança saltava-lhe no seio, qual, si possivel, espantada tambem da sentença final.

— Então, meu pae, está decretado: morreremos todos?

—Um favor unico: um tiro só por uma vez só!

—E, permitta Deus, accrescentou a martyr em subita inspiração, que nunca a lembrança deste crime te traga remorsos. Pódes atirar; posso perdoar-te, mas, a morte de meu filho... não sei quem t'a perdoará!...

Leal, dando tres saltos atraz com extrema rapidez, vociferou irado:

— Miseravel! Inda ousas praguejar-me, e te atreves, diabo?...

Um rastilho de fogo sulcou a fronte de Hercilia, que cahiu sem sentidos. Mas, oh! infelicidade!, Leal errára o alvo. Um espirito sinistro, iracundo, diabolico apossara-se desse homem. Arrancando da cinta um punhal e levantando, furiosamente, Hercilia pelos cabellos, cravou-o até ao cabo em uma das claviculas, traspassando-lhe o coração!...

O sangue golphára com tanta violencia que banhára o rosto do assassino.

— Está saciada a minha vingança! disse, limpando com as mãos o rosto, as barbas e a terrivel arma, que tambem cortára as mãos de Hercilia na extrema hora.

A martyr, soltando pavoroso grito, fechara para sempre os olhos.

A esse tempo acabava Angelo de expirar tambem. Leal volve do logar o cadaver, como para certificar-se de algo.

E, qual não foi seu espanto, bem como de seus sequazes?!

Ao ultimo esforço para supportar a morte a infeliz déra á luz linda menina, que apenas abria a pequenina bocca em derradeiro alento.

E aquelle pae desnaturado, sem coração, inexoravel exclamára:

— O que está feito, está feito, não está por fazer.

O serafim, em um baptismo de sangue, voára á eternidade.

Era tarde. Uma restea de sol poente, coada atravez do espiraculo de dourada nuvem, ruborizava em suave clarão as faces resignadas das victimas: —tinham as bellezas fascinantes da bemaventurança.

— Aposto, aparteou um dos sicarios ao companheiro, in cumo este home já matou gente. Tyranno!

— Cala a bocca! E' do tempo da fome do Cariry. Veiu de lá... approvou o outro, fulminado por um olhar feroz do patrão que os ouvira.

— Que estão olhando? Cumpram com seus deveres, para o que estão ganhando meu dinheiro, bradava este furioso.

O sol escondia-se no horizonte.

A taça da amargura — extravasada!

— Não se enterra o quadrave, patrão? perguntou Cabo Duro.

— Nunca! Estes desgraçados não merecem compaixão, quanto mais sepultura!

—Corta, Catrumano, uma orelha a cada um destes bichos.

Executada a ordem, recebeu, guardando cuidadosamente, o par destas sagradas reliquias — cumulo da perversidade!

—Agora, disse, tudo está terminado. Partamos!

Dois grandes listões azues, quaes duas tarjas immensas, atravessavam o céo. Sussurrava a natureza; mas, o valle, banhado do arrebol, foi-se empallidecendo .. empallidecendo... aos poucos... aos poucos... e a selva recahiu no silencio.

## XX

Pelas quatro horas da tarde de um dia do mez de Fevereiro de 1868, descia pela margem esquerda do S. Francisco uma das barcas mais antigas do Salgado — a «N. Senhora da Conceição da Praia».



Os barqueiros dobravam remos ao mavioso som destas bravias cantilenas:

Desce, desce minha barca
— Senhora da Conceição!—
Lá na praia do Salgado,
  Meu mano,
Senhora de m'ea devução.

Lé vem o Lope,
Do Paraguaya
Dois arfére,

Dois ténente,
Fazeno guerra,
Prendeno gente.
Conde prende,
Não qué sortá.
Conde sórta,
E' pra judiá:
E' tempo de riculuta
Itê papo!
Quem tem papo,
Não vae lá.

Rio abaxo, rio acima
Vai avoano carcará.
Dêxa a alça d'alagôa
  — Meu mano,
C'argum dia tornará.

Lé vem o Lope
Do Paraguaya, etc.

Vou me'embora, vou m'embora
Pras campina vê meu gado.
Ferreiro despois de morto,
  Meu mano,
Dispois de morto — maiado!

Lé vem o Lope
Do Paraguaya, etc.

— Praia! gritou o piloto, manobrando o leme para a extensa margem; a barca está muito carregada, e, emquanto é cedo, procuremos um porto. Alli está um.

— Tão cedo, seu moço? Indagou o proeiro mestre.

— Que cedo? Seria uma temeridade ir mais além dessa pequena resaca que se vê; remem, portanto, p'ra praia. Em ventos não hai que fiar.

Ninguem ousou adeantar palavra, fundeando-se a barca em um porto que parecia deserto.

Os barqueiros saltam em terra; e, emquanto o patrão se arranja com a familia para o mesmo fim, o proeiro sobe o barranco com a espia, esticando-a em um tronco de pagehú.

Repentinamente ouve-se um gemido alto e doloroso:

— Meu Deus, quem soffrerá tanto por aqui? indagou o patrão.

O proeiro, que a esse tempo descia a barca, bradou, em alta voz:

— Patrão, lá em cima um home deseja vê muito V. S.ª e pede uma esmola.

O patrão sahiu sem demora.

Não longe dalli topou com velho e esfumaçado rancho de capim — beira no chão — um pouco espaçoso e de fórma triangular, aberto ao fundo, isto é, sem parede.

Servia de porta de frente uma tira de velho couro crú, endurecido pelo tempo.

Frondoso joazeiro, carregado de frutos, abrigava-o sob a basta sombra e parecia o mais secular da floresta.

A' entrada extendia-se uma cama de varas, mal forrada, em cujo fundo se via uma senhora já edosa, sentada e com a cabeça escondida entre os joelhos; pelos modos parecia não ter notado a chegada do barqueiro.

Este, um pouco curioso, passa um rapido exame em torno, fixando a attenção em um girau á esquerda.

Nesse jazia um homem gemendo muito e quasi sem movimentos.

— Bôas tardes! disse o recemchegado.



— Bôas tardes, meu senhor! respondeu de dentro uma voz arrastada, cessando os gemidos; faça a caridade de chegar mais para perto, senhor meu, queira entrar e assentar-se em qualquer canto d'este indigno rancho.

O barqueiro entrou, sentando-se em um pilão velho, coberto por um pedaço de taboa — cadeira unica — junto ao leito d'aquelle enfermo.

Pela afflictiva disposição com que alli penetrára e a escassa luz d'aquelle *habitat* áquella hora, tarde percebera a mulher de que falámos, tão immovel, agachada, andrajosa e muda se apegava á cama.

— Desculpe-me, minha senhora: bôas tardes!

— Não havia reparado, disse, levantando-se do pilão.

— Bôas tardes, resmugou ella entre dentes.

Houve certo silencio, cortado, todavia, pelo zumbido de moscas impertinentes e um soido harmonioso, qual o de longinquos carros cantantes: uma pesada nuvem de moriçocas — terriveis pernilongos — aferroavam desesperadamente o hospede.

— Senhor, disse o enfermo, mandei incommodal-o para uma esmola pelo amor de Deus; tenha dó de um desgraçado que aqui está para expirar á mingua.

— Que soffre o senhor?

— Muitos males e os maiores incommodos d'este mundo.

Entrementes, vem chegando a familia do barqueiro: uma gorda matrona, duas filhas e uma outra senhora, companheira de viagem, amiga de velhos tempos.

Um pouco atraz seguia uma preta velha, approximando-se com presteza, trazendo escanchada aos quadris uma criancinha muito triste e languida.

— Vocês, acudiu a preta, non póde chegá muito perto deste rancho, pruque dão sipurtarão a fedentina que dahi sehe; isprâmente hoje; stá memo que ninguem guenta. A modes que stá pra morrê, apois sisturdia deo o ar — *Avemaria* — *Avemaria*, e treis antonte pareceo uma pinta nas ferida d'elle lá qu'eu acho que é

(Deus te sarve o lugá, lá n'elle, não em mim) a mardita c'o fogo sarvage. Já se tem rezado e benzido e nada.

— Mas o mau cheiro que estamos sentindo, já é do doente? indagou a mulher do barqueiro.

— Meu Deus! si é?!... Elle não passa d'hoje.

— Quem é o doente? indagaram as filhas do barqueiro.

— Seu capitão Liá — chamado! concluiu a preta, arredando a banda de couro, para que as visitas entrassem.

— Quem? O capitão Leal?! será possivel? interrompeu sobresaltado o barqueiro.

— Sim, senhor! confirmou o doente. Eu mesmo. O senhor conhece-me muito, mas agora, pelo que vejo...

— Na verdade, capitão, uma verdadeira surpresa! Não o conheci apesar de reconhecel-o muito, meu amigo!

O enfermo com esforço sobrehumano ergueu-se a meio.

— Apesar do muito tempo decorrido, si não me falha a memoria, creio estar falando ao sr. Alferes Rocha

— Sim, senhor! Este seu criado.

— Foi Deus quem o trouxe por aqui.

— Capitão, como se reduziu V. S.ª a semelhante estado?

— Ah! Sr. Alferes Rocha, pesa-me a mão da Providencia Divina, e o resto, o meu amigo, bem sabe porque... Não precisa que eu lhe explique mais.

— Desde que me aconteceu aquella desgraça, que a fortuna me abandonou. Sorte mesquinha, adversa..., e hoje sómente espero a morte que não tardará no meio dos maiores tormentos que Deus o preserve de soffrer. Tenho comido candeias de sêbo; pago bem caro a minha loucura. E' bem certo o que se diz... Ai! Jesus! meu amigo! Que dor horrivel sinto neste momento!

O enfermo parou um instante e continuou logo:



— Como ia dizendo: é bem certo o que se diz: *não se deve obrar antes de pensar.*

E' um exemplo sem egual este meu... Ah! eu desejaria que a noticia chegasse a todos, porque é uma verdadeira lição.

Sr. Alferes, creia que commetti aquelle erro, porque não encontrei um amigo!...

Achava-me bem, como o Sr. não ignora, com recursos bons; nada me faltava. Hoje, a tal extremo de penuria me vejo reduzido, que me amarga o caldo da esmola que nunca pensei pedir, bem como o caldo de feijão que se escuma n'este rancho, segregado inda mais da sociedade, foragido por estas brenhas.

A justiça da terra foi impotente para perseguir-me; porém, de que me serviu isto, si outra justiça... a justiça do céo me persegue?

Logo casei minhas duas ultimas filhas, que em pouco tempo morreram de parto.

Tive mais um filho, um que ahi anda ruinzinho; minha mulher, depois disto, vexada de incommodos desconhecidos, sobreveiu-lhe uma doença de olhos e neste girau de varas, cega, traga commigo o fel de tantas dores.

Minha propriedade arruinou-se de mal a peior: não pude tratar mais de meus negocios.

Ao gado, ultima esperança em que se baseava toda o minha fortuna, aconteceu uma cousa nunca vista: uma doença desastrada fez cahir os cascos ás rezes; ás que comiam frutas de tamboril, si eram pintadas, as pintas convertiam-se em feias chagas de que morriam.

Espesso bando de aves de rapina não deixou mais sossegar nem um bezerro, furando-lhe o umbigo, logo que nascia. Por outro lado crescia a mortalidade por atoleiros, cobras e outros accidentes. Um facto impressionou profundamente:

Vi um dia, de nossa casa, á tarde, uma cousa singular:

Quasi confundindo-se com as nuvens, a distancia consideravel, divisei uma columna aerea

negra, mysteriosa, que ora me parecia parada, ora se movia até sumir-se por entre as mattas do horizonte, sem que eu pudesse decifrar o que seria aquillo! Quasi não liguei a minima importancia a meus desencontrados pensamentos, que nessa occasião referviam de remorsos, e eu, então, murmurava commigo mesmo:

— Ora, bobagens! um facto como qualquer outro.

Mas, Deus observava-me; á mesma hora certa, em outros dias successivos, cada vez que olhava para o mesmo lado, lá se ia a columna, um negro esteio, tal qual o primeiro.

Tantos os meus revezes que acabei por ir-me amofinando aos poucos, supersticioso, acabrunhadissimo.

A certeza de uma secreta condemnação bramiame dentro d'alma.

Com effeito, quando accordei,—era tarde.

Meu senhor, não sei até hoje donde sahiu tanto morcego!

Varios vaqueiros em um só dia e em horas diversas apearam-se á minha porta, entregando-me as varas de ferrão.

Nada mais.

Os campos estavam arejados.

Vi o restinho da criação acabar-se em breve tempo, apesar dos maiores esforços empregados; assim, desgostoso e arruinado, foram-se-me os recursos pecuniarios.

Reconheci que tudo conspirára contra mim.

Ah! si eu pudesse ainda contar-lhe tudo!

Impossivel, tamanhas as infelicidades!

Todos fogem de mim, evitam-me; até os meus aborrecem-se do misero Leal. Têm razão: já nada valho.

Depois da miseria—a enfermidade: o corpo aberto em taes e tão podres chagas que só o sr. me assiste por caridade

—Oh! não pense assim!...



—Ora, si eu mesmo não supporto, quanto mais os outros! Aos pedaços assisto em vida ao meu enterro.

—Como?

—Verá. Insupportavel tornou-se-me a existencia.

—Está o capitão bastante fatigado.

—E' verdade. Hoje, qual nunca, experimento um cansaço de morte; creio mesmo não tardarei muito a deixar este mundo e é bem possivel esteja por algumas horas.

—Quem sabe? Só Deus! Para que se martyriza assim com semelhantes pensamentos?

Noto apenas o incommodo de falar sem descanso. E' bom repousar um pouco; deixe-se de recordações tão penosas! Varra isto do sentido; o Sr. melhorará, pois seu incommodo é curavel.

—Curavel!... com a morte, não é?

— Não digo isso. Trago alguns remedios, uma pequena ambulancia—que ponho á disposição do amigo. Por emquanto, é util um pouquinho de descanso; outra hora tomarei.

—Não, senhor! Sua presença neste rancho é uma felicidade, e foi Deus quem o mandou; no entanto, o Sr. tem razão para se retirar: não ha creatura que aguente ficar perto de mim.

—Capitão, por favor! Da melhor vontade aqui estou.

—Interrompendo o que lhe falava inda ha pouco, si o sr. Alferes tem coragem de ver meu estado, faça o favor de chegar mais de perto.

O barqueiro, accedendo ao convite, fez um gesto á familia para que se retirasse: e, sem estar de espirito apparelhado, ao approximar-se do enfermo que a custo se descobrira, sentiu suores frios deante d'aquelle ser em tocantissima decomposição. Retirados uns sebentos e velhos trapos de baêta, moscas em nuvens zumbiam tripudiantes sobre aquelles destroços humanos, expostos ás intemperies do tempo, cobertos de podridão e vermes, de alto a baixo, tendo a cabeça desnudada e disforme, quasi sem nariz, sem orelhas: uma lepra nojenta, cobrindo-lhe todo o tronco, e des-

cendo, por descompassadas e medonhas fontes do mal, terriveis ulceras, despejando-se pelas pernas, cujos pés haviam sido sepultados já, e que afinal por mais dias dariam cabo das tibias do mesmo modo.

—Impossivel resistir, meu Deus! Não sei de que maneira este homem ainda tem vida, pensou comsigo o alferes.

—Dizem, meu alferes, «quem com ferro fere será ferido».

Esta verdade cava-me o peito todos os dias, todas as horas, acompanha-me até por pensamentos.

Muita gente entende mal, não sabe, não quer saber, não quer meditar neste grande conselho das parabolas de Jesus Christo, e de como ellas se realizam.

Cuidam muitos que não se cumprem nunca; mas é engano: não fica letra sobre letra: tudo á risca!

Eu não achei um ferro; e, ai!, quem me dera um mais brando do que este ?!

Almejo a morte, como quem padece sede de abrasar, e ella não me quer! Ella não vem!... Gemeu accentuadamente o enfermo, chorando; tarda-me, não chega, não vem nunca!... nunca!?

Ah! grandes são as miserias minhas, meu alferes, disse ainda, soluçando.

—Não, meu amigo! Nem tudo é como se deseja.

E' uma prova que Deus lhe dá, e que, resignado, o capitão deve acceitar.

—Ora, mais paciencia, mais resignação do que tenho?!

Estou muitissimo castigado do meu orgulho. Tinha parentes de alta linhagem, nobre e fidalga, e esta razão mal entendida levou-me a praticar o que pratiquei com a maior barbaridade que o sol cobre.

Antes eu proprio, que os criei, e alimentei de certo modo tanta esperança fatal, os tivesse unido. Hoje estaria feliz junto a meus filhos.

Oh! maldicto orgulho que tudo abysma! Desgraçada soberba! Saciei cruamente, demasiadamente minha vingança.

Elles estão mortos; e eu, meu amigo ? e eu ?...



Já não estaria vivo, si não encontro esta preta velha, cuja caridade não sei como pagar.

Eis para que servem as funestas vaidades deste mundo e a que ponto póde precipitar uma creatura qualquer acto inconsiderado.

Até aquelles mesmos que me ajudaram no crime, directa e indirectamente foram mais felizes do que eu.

—Como?

—Sim! sim, porque o diabo os levou de ha muito.

Um fazendeiro de S. João das Missões com quem me arranchára, foi quem me guiara ao logar seguro onde se achavam os fugitivos, mandando commigo um dos seus camaradas; pois bem, esse fazendeiro foi assassinado por esse mesmo individuo, algum tempo depois.

Os outros tornaram-se meus aggregados de obrigação.

Morreram!

A um esfaquearam medonhamente em uma bebedeira dos arredores, e logo, levado para a minha residencia, expirára momentos após a chegada.

Facto bem contristador para meu espirito foi. Já eu experimentava, então, os meu revezes.

Chamava-se Zé Catrumano. Outro, de nome Xico Cabo-Duro, assistia a um festejo de S. Gonçalo aqui pela beira do rio, quasi perto do logar onde se dera o conflicto do primeiro; o miseravel de tal fórma embriagára-se que, cahindo perto de uma fogueira da festa, desaccordado de cachaça, alli adormecera.

Ninguem vira nem soubera nunca de que modo pegou fogo á cartucheira, reduzindo a carvão o corpo do bebedo.

Quizeram acudir, porém era tarde. A este ultimo tambem dei sepultura.

Em dois annos tantos funestos acontecimentos!

Eu via a justiça de Deus marchando recta.

Resta, finalmente, este desventurado que aqui está coberto de bichos e para morrer, e que não se

demorará mais, pois começo a sentir, alem de dores atrozes, um frio extranho.

E depois continuou o enfermo, como que reflectindo:

—Bem infeliz! Não?

—?!...

Não me importaria tanto com a morte, si não fossem as ultimas considerações e justas de minha filha.

A violencia para o mal não dá mais remedios.

Eu matei minha nettinha, meu amigo! soluçou o enfermo.

Minha filha, depois que lhe neguei o perdão, pediu-o para o filho, que tambem neguei.

Então disse-me com coragem admiravel e relativo orgulho, que sua morte ella podia perdoar, mas a do filho não sabia quem m'a perdoaria.

E eu tomei aquillo como um atrevimento, um insulto e, inexoravel, desci ao abysmo do crime.

Tinha razão! Só hoje comprehendo tudo; embora errasse, era mãe!

Alferes, não póde o amigo avaliar quanto me fere e me queima o coração aquella apostrophe de martyr!

Está sellada com caractéres de fógo pela mão de Deus.

Si o arrependimento... ah!, si o arrependimento me salvasse?!... Mas, nem d'elle sou merecedor.

—Basta, capitão! Sua amargura é bem extraordinaria. Não descreia um só instante da Providencia Divina. Temos todos o refugio do céo que a religião nos favorece. Soffrimentos taes são descontos; Deus é rigoroso na sua justiça; mas, nessa mesma ha muita misericordia, muita bondade e muito amor.

Mal de nós, se assim não fôra.

—Creia em seu sincero arrependimento e no perdão destas faltas.

Todos nós erramos; coragem, meu amigo!



Está perdoado. Supporte com resignação, si possivel fôr, sua propria morte, volva suas vistas para o céo e tranquillize-se.

O enfermo nada respondeu.

Lagrimas compridas resvalavam-lhe pelas cavadas faces. Dor sincera superior ás do seu corpo pungia-lhe o espirito — o arrependimento!

A senhora Lucinda, ouvindo toda aquella conversação, conservára-se silenciosa; mas, por fim, exclamára chorando:

— Meu Deus! Eu tambem tenho culpa na morte de minha filha. Eu... eu... e não concluiu.

O barqueiro, que nada mais era do que aquelle boiadeiro de que falámos no começo desta obra, retirára-se penalizado, com os olhos rasos de lagrimas.

— Triste a condição da vida neste mundo! Como se acaba este homem!? Coitado!

Seis annos haviam decorrido após a morte de Angelo e Hercilia.

Era na epocha em que as arvores mostram de longe os louros cachos, onde se saciam as aves da floresta.

O sol marchava triumphante para o fim do dia, e grandes sombras estiravam-se pela superficie azul do S. Francrsco.

Approximava-se a hora do repouso.

Uma algazarra começou a levantar-se da margem opposta do rio: era um bando de papagaios bravos, vindo das vasantes para os poleiros baixos dos campos.

Uns, os que voavam mais alto, iam de passagem para as bandas do poente; outros, os que voavam mais baixo, por instantes pousavam nos joazeiros, pitombaes e ingazeiras, fartando-se ainda.

A esse tempo chega de carreira á barca a preta velha.

Esta mulher, caridosa e compassiva, em seus braços out'ora recebera em sua residencia — esse mesmo rancho de beira no chão — o ultimo adeus de Anna, mãe de Angelo, que, expulsa da fazenda

da Bôa Vista, naquelle logar deserto, cheia de fundos e mortaes sentimentos, alli se finára ignorada.

Agora, do mesmo modo, condoendo-se da miseria daquella familia foragida, trabalhando e esmolando aos pescadores e lavradores das ilhas, sabia de sua historia; e sem interesse, sinão o da caridade, cumpria essa missão junto aos infelizes. Admiravel tanta santidade !

— Vancê, disse ella, chegando á barca, fais favô de chegá inté lá in riba outra vêis, apois mode coisa que seu capitão stá ispirano!...

O barqueiro correu, seguido de sua familia e camaradas.

O rancho encheu-se.

— Metta uma vela na mão do homem, S'á Joaquina.

A preta, que assim se chamava, obedeceu, accendendo um rôlo de cêra crua; e, tomando um velho crucifixo, rezando, apertou-o entre as mãos do moribundo, que havia muito entrára em agonia.

Já não falava, quando dos galhos do joazeiro que amparava o rancho, se ouviu uma como voz estridente, espantada... asselvajada, mas, distincta, de um papagaio:
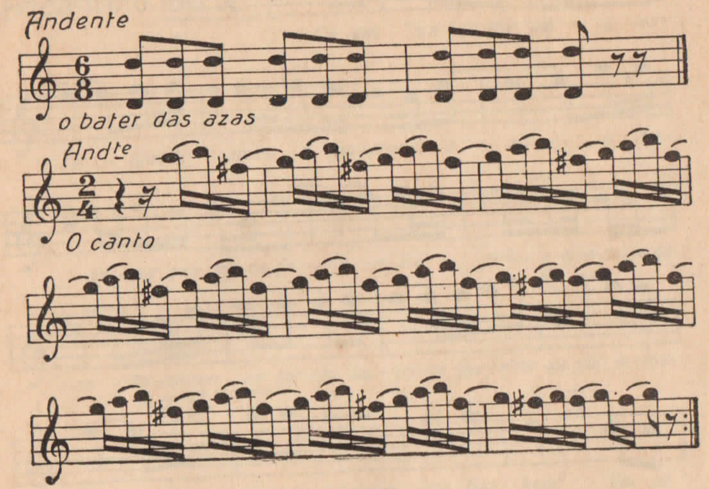
— Oh ! Cila ?... Cila ?... e, gritando pela terceira vez, num estridor de azas d'alli se arrancára, desapparecendo no horizonte.

O agonizante, abrindo desmesuradamente os olhos, em um estertor e com doloroso esforço, com voz arrastada, rouca e sumida, pela ultima vez murmurou ainda:

— Heim ?... heim ?... Celinha ? Celinha ? Heim ? qu'é d'ella ?... Ah ! Per... dôa, minha... fi... lh... !
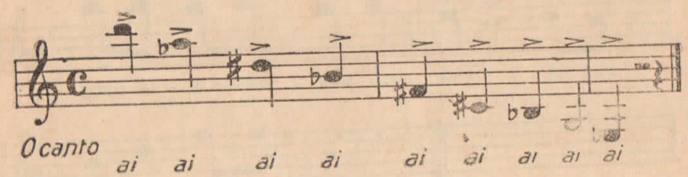
# O CANTO DO SABIA

*Musica de Mamede Longuinho*
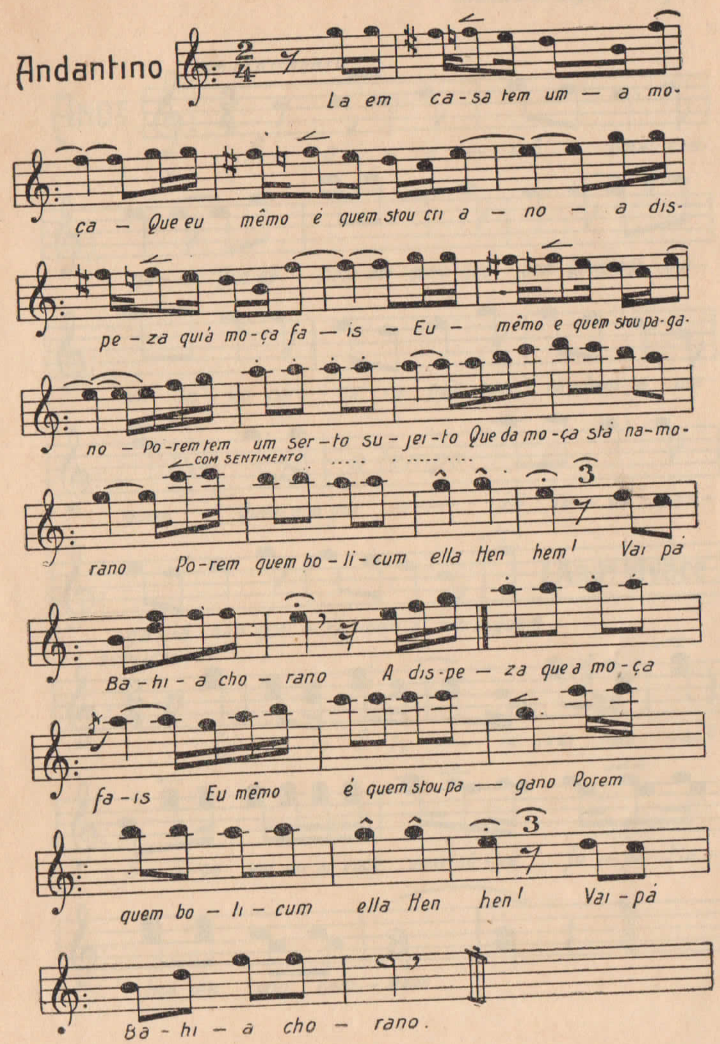



# DA MÃE DA LÚA

*Musica de Mamede Longuinho*



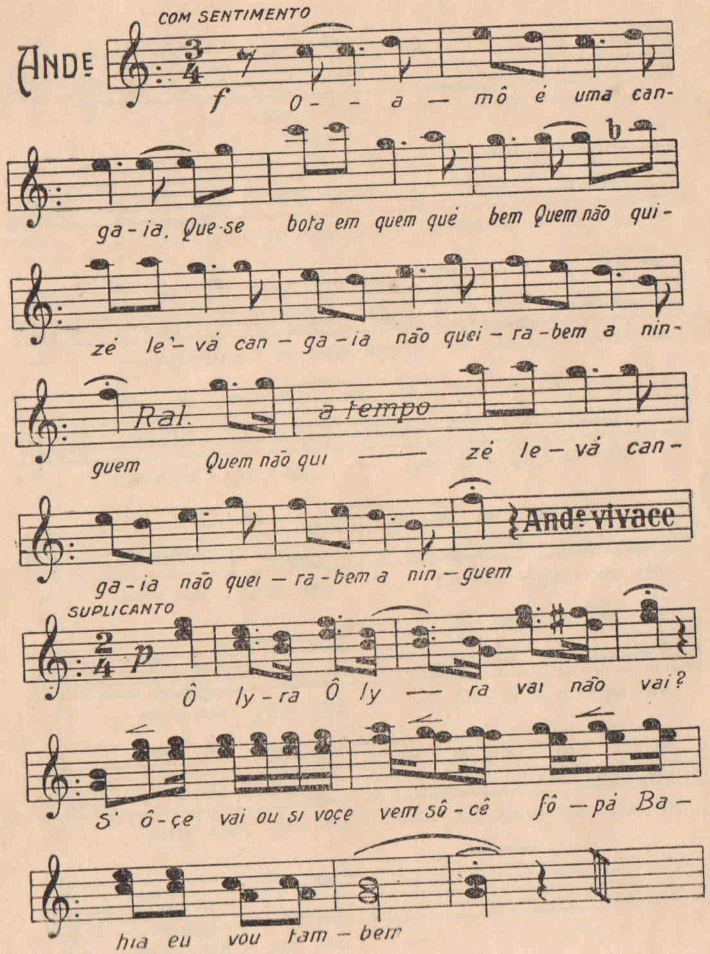
# CANTIGA POPULAR

*Musica de Elysio Horbylon*



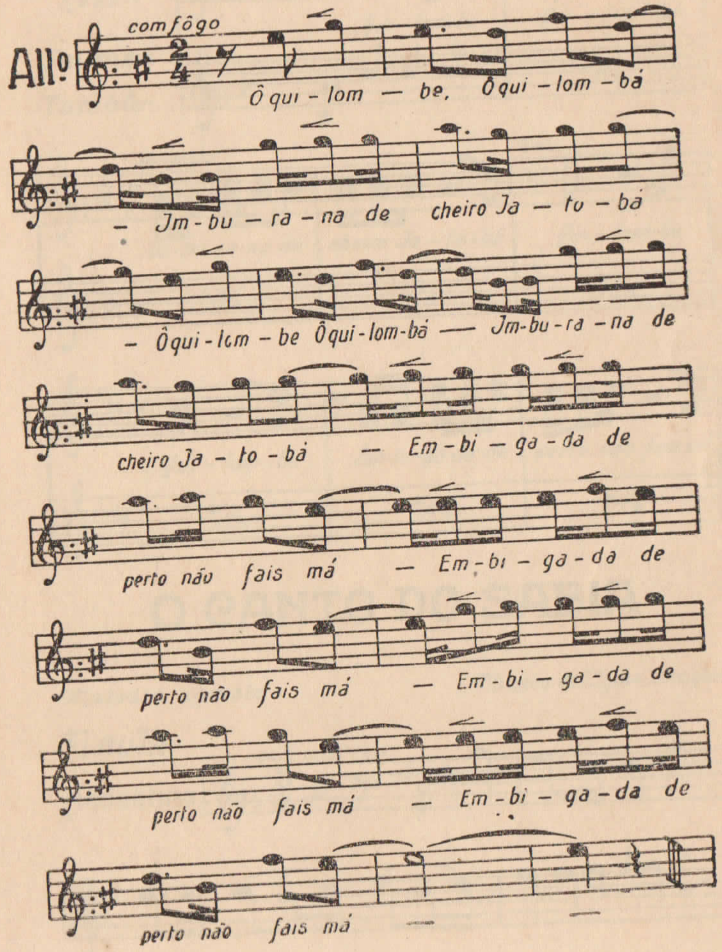
# CANTIGA POPULAR

*Musica de Elysio Horbylon*



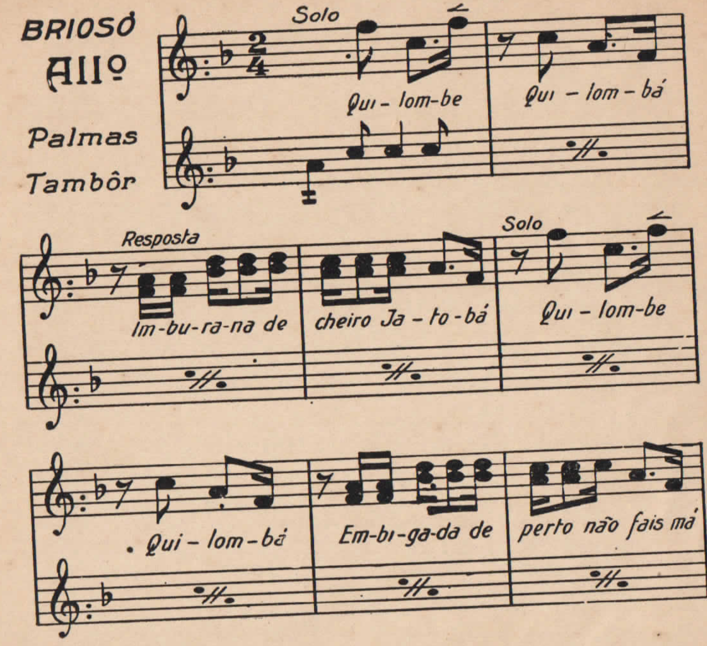
# BATUQUE

*Musica de Elysio Horbylon*



# BATUQUE

Musica de Anisio Coelho




# O CANTO DO SABIA

Melodia agreste

Musica de Elysio Korbylon

